



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

GILSON DO SACRAMENTO SANTANA

**O CONJUNTO DO CARMO DE CACHOEIRA: UM ESTUDO
DA RELAÇÃO ENTRE MONUMENTO E CIDADE**

Cachoeira
2012

GILSON DO SACRAMENTO SANTANA

**O CONJUNTO DO CARMO DE CACHOEIRA: UM ESTUDO
DA RELAÇÃO ENTRE MONUMENTO E CIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Profa. Ms. Cristina Ferreira Santos de Souza.

GILSON DO SACRAMENTO SANTANA

**O CONJUNTO DO CARMO DE CACHOEIRA: UM ESTUDO
DA RELAÇÃO ENTRE MONUMENTO E CIDADE**

Monografia apresentada como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Museologia, Curso de Graduação em Museologia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Banca Examinadora

Cristina Ferreira Santos de Souza _____
Mestra em História Social pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Ana Paula Soares Pacheco _____
Mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Jomar Lima Conceição _____
Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Gerente-técnico da Fundação Hansen Bahia

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.

Clarice Lispector

Dedico esta monografia aos meus pais, em especial à minha mãe que sempre me apoiou em todos os momentos da minha vida e que me surpreende a cada instante.

AGRADECIMENTOS

A Deus

Pela minha existência

À minha família

Sempre presente em todos os momentos.

Aos meus amigos:

Emanuel, Márcio, Rubens, Jomar, Lu, Fernanda, Ana Cláudia e Cláudia Lopes, Sara e May, Vinicius, D. Lúcia, Dinda, Edna, Aldemir, Gabriela (Gabi), Regina Ferreira, Elton Vitor, Sayonara Panazzio, Flávio Schimith, Carla Schimith, Eduardo Mazzochini, Mônica Passos, Josias Fernandes, Anderson Guaranniery, Carlos Andrade, Avelina Ferreira, Janice Ferreira, a minha estimada afilhada Gabrielle santana e tantos outros que, neste momento, me fogem à memória. No convívio destes quatro anos, construímos um maravilhoso laço fraterno. A vocês, pela constante tolerância, pela força e pelo estímulo dado para que eu seguisse em frente.

Aos meus compadres, Ricardo e Fabiane., Renné e Lisandra

Obrigado pelo carinho e amor que dedicam a mim.

À UFRB

Pelos sábios ensinamentos e pelo companheiro em sala de aula, nos corredores, escadas e laboratórios desta instituição tão relevante para Cachoeira. A vocês, especialmente, Cristina Ferreira, Luydy Abraham, Suzane Pinho, Patrícia Santos, Ricardo Brugger e Heráclito, meus sinceros agradecimentos.

À Claudius

Pelo apoio e companheirismo. Sei que, mesmo no estado em que se encontra, é uma torcida incansável pelo meu sucesso.

À Denivaldo Paim Júnior (Juninho)

O meu fraterno abraço e torcida pela sua recuperação.

SANTANA, Gilson do Sacramento. **O Conjunto do Carmo de Cachoeira: um estudo da relação entre monumento e cidade**. 63 f. il. 2012. Monografia (Graduação) – Cachoeira: Centro de Artes, Humanidades e Letras; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2012.

RESUMO

Este trabalho aborda a relação do Conjunto do Carmo, enquanto monumento com a cidade de Cachoeira, tendo como parâmetro a pesquisa de campo, através de entrevistas com pessoas da comunidade cachoeirana para a caracterização desta realidade. O estudo se apoia e se fundamenta no conceito de patrimônio, de monumento e de memória. Perfaz o itinerário histórico da cidade e do Conjunto do Carmo e apresenta esta relação da cidade a partir da população com o monumento, trabalhando com a oralidade, base fundamental da tradição cultural e do seu patrimônio edificado e celebrado, essência fundante de sua elevação à categoria de monumento. Finalmente, a pesquisa promove o encontro da oralidade com a teoria da Nova Museologia com os conceitos da interpretação de monumentos históricos, fundamentando a escrita e a metodologia adotada com os pensamentos de grandes teóricos da área museológica e dos conceitos nela contidos.

Palavras-chave: Monumento. Cidade. Patrimônio. Memória. Comunidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa do Centro Histórico de Cachoeira.....	21
Figura 2. Conjunto do Carmo visto pela parte frontal.....	23
Figura 3 . Planta da Ordem Terceira do Carmo.....	25
Figura 4: Fachada da Ordem Terceira do Carmo.....	26
Figura 5: Vista interna – côro e tribunas.....	27
Figura 6: Vista Interna – nave e altares.....	28
Figura 7: Coleção dos Passos de Cristo – Macau.....	33

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento.

FLICA - Festa Literária Internacional de Cachoeira

IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SPHAN - Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A CONCEPÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL A PARTIR DA ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO.....	14
1.1 A cidade de Cachoeira como sítio histórico: contexto.....	15
1.2 Algumas abordagens sobre políticas de preservação do patrimônio histórico....	16
2. O CONJUNTO DO CARMO ENQUANTO MONUMENTO ARQUITETÔNICO, CULTURAL E RELIGIOSO PARA A CIDADE DE CACHOEIRA.....	20
2.1 O Conjunto do Carmo como espaço de dinamização cultural.....	23
2.2 A arquitetura da Igreja da Ordem Terceira do Carmo.....	24
2.3. A Iconografia na concepção da Capela da Ordem Terceira do Carmo: Museu de Arte Sacra do Recôncavo.....	30
3. CONJUNTO DO CARMO: A RELAÇÃO MONUMENTO E CIDADE.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
ANEXOS.....	55

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou analisar e compreender a relação do Conjunto do Carmo, localizado no centro histórico da cidade de Cachoeira-BA, enquanto monumento arquitetônico/cultural e como espaço de culto e referência religiosa para a comunidade cachoeirana. Buscamos essa compreensão a partir da impressão de pessoas que tem ou tiveram contato com o espaço, especialmente aquelas cujo conhecimento e envolvimento obtido traduzem-se como significativo. Relacionamos com o eixo museológico da interpretação de centros e monumentos históricos, fazendo uma relação entre monumento e cidade.

Inserida na Região do Recôncavo Baiano, com tradições seculares e propulsora para o desenvolvimento econômico e lutas de liberdade da população brasileira, a cidade de Cachoeira, por preservar e expressar ampla produção cultural desde o período da colonização portuguesa, foi considerada como Patrimônio e Monumento Nacional, através de decreto presidencial em 13 de janeiro de 1971. Essa ação, reconheceu à sua importância histórica, arquitetônica e cultural na Bahia. Ato que fez da cidade a única no Estado totalmente tombada.

Sua história, inicialmente é marcada pelas lutas a favor da Independência do Brasil, com a participação e desempenho de personagens locais, como: Maria Quitéria e Ana Néri (considerada a grande patrona da enfermagem brasileira), Isso faz de Cachoeira uma cidade com forte presença na construção e liberdade de um país politicamente independente. Sua expressiva e diversificada cultura material e imaterial, também foram decisivos no processo de valorização, reconhecimento e, conseqüentemente, no desenvolvimento de medidas para salvaguardar todo esse acervo. Estes fatores colocam a cidade de Cachoeira como um centro de manifestações culturais que retratam o processo de colonização, difusão econômica e sociocultural na formação de nossa identidade. Vemos estas marcas no traçado das ruas, nas paisagens, na arquitetura, nas tradições religiosas, populares e nos saberes e fazeres da sua população.

Um dos monumentos arquitetônicos que mais se destacam neste processo é O Conjunto do Carmo. Este monumento encontra-se localizado no centro histórico de Cachoeira. É um monumento arquitetônico de relevante valor histórico, artístico e cultural, sendo um dos mais imponentes, em meio aos casarios, sobrados e demais

prédios que compõem o Centro Histórico da cidade. De igual importância, pode-se destacar no seu entorno: a Casa de Câmara e Cadeia e a Matriz de Nossa Senhora do Rosário.

Este monumento possui forte relação com a comunidade de Cachoeira, visto o seu valor histórico e representação, arquitetônica, cultural e religiosa na cidade e a sua dimensão de espaços, o que possibilita a realização de diversas atividades diferentes no mesmo complexo. Por esta percepção, resolvemos fazer um estudo sobre a relação deste monumento com a cidade, a partir da impressão de moradores locais.

Para o desenvolvimento do trabalho foi utilizado como processo metodológico leitura de textos para ajudar na compreensão e discussão do tema abordado. A partir de um roteiro, realizamos entrevistas e diálogos com oito pessoas da comunidade que possuem significativo contato com o Conjunto do Carmo. Com isso, obtivemos informações fundamentais para compreensão do processo. Essas pessoas: Luiz Cláudio Dias do Nascimento, Alzira Costa, David Rodrigues Cazaes, Antonio Raimundo Santana Santos, Rita de Cássia Salgado Santana, Jomar Lima da Conceição, Raimundo Alberto Ferreira de Cerqueira e Edson Ivo de Santana, contribuíram significativamente com informações minuciosas sobre o Conjunto do Carmo e, especialmente sobre as suas impressões referente ao monumento. Com suas experiências e conhecimentos empíricos foi possível compreender com mais detalhes as informações sobre impressões, memórias e experiências vivenciadas relacionadas ao Conjunto do Carmo. Além disso, ressalta-se que o autor deste trabalho é nativo, morador da cidade, conhece e possui contato com o Conjunto do Carmo e os entrevistados há diversos anos.

Todos os dados coletados durante o processo de diálogo por meio das entrevistas correspondentes aos conhecimentos e impressões dos entrevistados sobre o Conjunto do Carmo, eram anotados em caderno de campo e posteriormente revisados e analisados para conclusão das informações obtidas.

Este trabalho se divide em três capítulos. O primeiro trata de aspectos relacionados à concepção geral sobre conceito de patrimônio cultural, monumento histórico e cidades e sítios históricos. Posteriormente coloca a cidade de Cachoeira, especificamente o Conjunto do Carmo como referência destes aspectos

relacionando aos conceitos museológicos de patrimônio, monumento e interpretação de centros históricos.

O segundo capítulo aborda o contexto histórico do Conjunto do Carmo. Relaciona informações sobre a sua importância como monumento arquitetônico, cultural e religioso na cidade de Cachoeira. Além disso, mostra a dinamização de atividades que são realizadas atualmente no monumento.

No terceiro capítulo mostramos os resultados obtidos, a partir da análise com moradores locais sobre as suas impressões referentes ao Conjunto do Carmo. Com isso, levantamos aspectos quanto à relação entre monumento e cidade. Por fim, têm-se as considerações finais do trabalho.

Contudo, este trabalho aborda o monumento histórico e seu poder de representação de memória na vida das pessoas da cidade de Cachoeira, especialmente das que dialogamos. Isso implica na valorização e difusão do patrimônio cultural, neste caso, do Conjunto do Carmo, o qual resguarda um dos mais importantes coleções de arte sacra cristã e baiana, referência na talha, pintura e imaginária de estilo barroco.

CAPÍTULO 1

A CONCEPÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL A PARTIR DA ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO

O espaço é o resultado das relações sociais, vinculado às forças políticas e econômicas ora dominantes, testemunho que sedimenta recordações, registrando informações atemporais, construídas em realidades passadas, existentes no presente, proporcionando a construção de um futuro repleto de identidades mais sedimentadas.

A apropriação simbólica do espaço, acumulada de sentimentos de pertença, o particulariza e o transforma em lugar – o lugar da memória, como aponta Nora (1997), locais materiais ou imateriais de uma nação, e onde se cruzam memórias pessoais, familiares e de grupo: monumentos, uma igreja, um sabor, uma bandeira, uma árvore centenária podem constituir-se em ‘lugares de memória’, como espelhos nos quais, simbolicamente, um grupo social ou um povo se ‘reconhece’ e se ‘identifica’, mesmo que de maneira fragmentada. Conforme é colocado por Horta (2008):

Esse ‘lugares’, ou ‘suportes’ da memória coletiva funcionam como ‘detonadores’ de uma sequência de imagens, ideias, sensações, sentimentos e vivências individuais e de grupo, num processo de ‘revivenciamento’, ou de ‘reconhecimento’, das experiências coletivas, que têm o poder de servir como substância aglutinante entre os membros do grupo, garantindo-lhes o sentimento de ‘pertença’ e de ‘identidade’, a consciência de si mesmos e dos outros que compartilham essas vivências.

O lugar é o redimensionamento do espaço, dotado de sensações, afeições e experiências vividas ou, ainda, do movimento da história, em constituição enquanto movimento da vida, apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo.

A memória está estratificada no lugar. “As histórias contadas, tempo a tempo, estão impregnadas no meio, sedimentadas na saudade e a procura de registros e sinais da ausência que descrevem a memória lugar.” (Andrade, p. 111, 2008).

Eis o elo de interpretação do passado, voz e imagem do acontecido; aquela que detêm a “(...) propriedade de conservar certas informações (...), graças a quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, p. 423, 1996). Os lugares da memória e as memórias do lugar se conjugam em busca de instrumentos de reforços da identidade e da singularidade local. Neste contexto, a população se constitui a mais importante ferramenta já que é depositária de informações e sentimentos afetivos.

As cidades históricas, sítios históricos e cidades monumentos são espaços impregnados de uma mensagem proveniente do passado, da herança deixada por muitas gerações de pessoas; elas permanecem até a atualidade como testemunhas vivas das suas antigas tradições.

O conceito de monumento histórico abrange não só os trabalhos de simples arquitetura, mas também o enquadramento urbano ou rural onde se encontram as evidências de uma civilização em particular, um desenvolvimento significativo ou um acontecimento histórico. Isto aplica-se não só às grandes obra de arte, mas também a obras mais modestas do passado que adquiriram significado cultural com a passagem do tempo. (Carta de Veneza, 1964, p. 02)

1.1 – A cidade de Cachoeira como sítio histórico: contexto

Cachoeira, local cheio de afetividades, onde sua própria imagem, na conjuntura de suas ruas e casarios, detêm um narrar vernáculo da história, de um passado heróico e, genuinamente cultural. As pedras que calçam as suas ruas são alicerces dos tempos áureos da cana de açúcar e do sangue derramado por tantos cachoeiranos, durante as batalhas pela Independência; as janelas de suas construções representam o debruçar na história, construída por tantas figuras ilustres – ali nascidas e criadas – pousadas naquela terra do Massapê; os carrilhões de seus templos guardam a potência de uma cultura material e imaterial tão bem celebradas e vividas – da Ajuda à Boa Morte, do São João ao 25 de Junho, da Festa do Rosário ao Carmo.

Cachoeira foi tombada pelo Instituto do Patrimônio e Histórico Artístico Nacional, em 1971, como Cidade monumento nacional. Depois de Salvador é a cidade baiana que

reúne o mais importante acervo arquitetônico no estilo barroco. As casas, igrejas, prédios históricos, dentre outras construções, preservam a imagem do Brasil Império - tempo em que o comércio e a fertilidade do solo fizeram de Cachoeira a vila mais rica, populosa e uma das mais importantes do Brasil, nos séculos XVII e XVIII.

Durante o século XIX, Cachoeira projetou-se na história política do país. As lutas contra a canhoneira portuguesa, a proclamação do príncipe D. Pedro I como Regente, o bombardeio e a resistência (quando surgiu a heroína Maria Quitéria), são fatos que, ainda hoje, enchem de orgulho a população local.

Durante a Guerra do Paraguai, a enfermeira cachoeirense Ana Nery alistou-se no exército brasileiro e foi de grande importância no auxílio às tropas. As histórias de glória são tantas que, no tempo do Império, a vila foi congratulada com o título de “Heróica”. No início do século XX, Cachoeira ainda mostrava grande estabilidade econômica. Nesta época, com a fábrica de charutos Dannemann e Suerdieck ainda em atividade, a cidade virou centro de referência na produção fumageira. Hoje, restam as construções grandiosas dos anos áureos, pedida certa para os fãs do turismo histórico.

Todo este leque cultural encontra-se concentrado no centro histórico da cidade, onde se destacam os principais monumentos locais. E quando se constitui a relação memória x local, os centros históricos são estes locais da memória, na imponência de cada edificação, seja ele civil, militar ou eclesiástico, exemplares do patrimônio material de Cachoeira, construídos e construtores de toda a materialidade que lhes conferiram esta condição: monumentos e patrimônios culturais.

1.2 Algumas abordagens sobre políticas de preservação do patrimônio histórico.

Numa vivência presente, onde as pessoas estão a ficar cada vez mais conscientes sobre a unidade dos valores humanos e encaram os monumentos antigos como um patrimônio comum, é reconhecida a responsabilidade comum de os salvaguardar para as gerações futuras.

Daí, tem-se as iniciativas promovidas através de políticas públicas voltadas para a valorização desta tipologia específica de patrimônio cultural, especialmente as ações implementadas pelo IPHAN, especialmente o programa Monumenta (Cartilha do Fundo de Preservação, s.d., s.p.):

(...) um programa estratégico do Ministério da Cultura. Seu conceito é inovador e procura conjugar recuperação e preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social. Ele atua em cidades históricas protegidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Sua proposta é de agir de forma integrada em cada um destes locais, promovendo obras de restauração e recuperação dos bens tombados e edificações localizadas nas áreas de projeto. Além de atividades de capacitação de mão-de-obra especializada em restauro, formação de agentes locais de cultura e turismo, promoção de atividades econômicas e programas educativos.

O MONUMENTA, que conta com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID e o apoio da Unesco, procura garantir condições de sustentabilidade do Patrimônio. Objetivo a ser alcançado com a geração de recursos para o equilíbrio financeiro das atividades desenvolvidas e que mantenham conservados os imóveis da área do projeto. Com isto, facilita a manutenção das características originais dos bens, sem que sejam necessários futuros aportes de recursos públicos. Uma das estratégias para atingir essa meta é estabelecer novos usos para os imóveis e monumentos recuperados.

Posteriormente, tem-se o PAC cidades históricas (Castriota, Araújo, Cardozo e Sousa, 2010) que contemplou Cachoeira, no contexto das 173 cidades, localizadas em todos os estados brasileiros, visando a requalificação urbana das cidades, com investimentos não só nos imóveis tombados e monumentos, mas também na qualidade de vida destas cidades.

O PAC configura-se como um sucessor do Programa Monumenta e tem seis objetivos distintos:

1. Promover a requalificação urbanística dos sítios históricos e estimular usos que promovam o desenvolvimento econômico, social e cultural - que inclui ações de embutimento de fiação elétrica aérea, recuperação de espaços públicos com acessibilidade universal, instalação de mobiliário urbano e sinalização, iluminação de destaque e instalação de internet sem fio.
2. Investir na infra estrutura urbana e social - o que vai permitir a inclusão das cidades históricas e seu entorno nas ações da Agenda Social do governo federal.

3. Financiamento para a recuperação de imóveis privados subutilizados ou degradados.
4. Recuperação de monumentos e imóveis públicos - que inclui a readequação de uso para abrigar universidades, escolas, bibliotecas, museus e outros espaços públicos.
5. Fomento às cadeias produtivas locais - que prevê apoio à estruturação de atividades produtivas, especialmente as atividades tradicionais.
6. Promoção nacional e internacional do patrimônio cultural representado pelas cidades históricas a partir do viés do turismo.

O PAC é um reflexo imediato da Declaração de Amsterdã:

(...) volta-se a atenção para a cidade tradicional, que é valorizada exatamente naqueles aspectos que foram longamente negados pelo Movimento Moderno: sua escala humana, seus espaços fechados, sua diversidade de usos e sua diversidade socio-cultural. Como caminho para essa retomada, aquele documento supõe, então, (...) a afirmação internacional de uma “nova cultura urbana”, assentada não mais na ideia de um crescimento ilimitado, mas exatamente na economia dos recursos “através da reutilização do patrimônio arquitetônico existente e na requalificação dos espaços urbanos”. (Castriota, Araújo, Cardozo e Sousa, 2010, p. 06 - 07)

Inquestionavelmente, essas ações foram de suma importância para a preservação e revitalização de todo o patrimônio histórico de Cachoeira, ações que colaboraram na consolidação do título de ‘cidade monumento nacional’, com exemplares de raro valor histórico, arquitetônico e artístico para o Brasil e a humanidade.

O Conjunto do Carmo é um dos exemplos mais relevantes deste contexto, não apenas pela sua materialidade, considerando todas as suas características estilísticas, também pelo seu uso ao longo dos séculos, reflexo de uma realidade muito marcante nos monumentos locais e que ainda precisa ser repensado nas atuais intervenções de restauro e conservação.

A partir de 1938, com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, não era mais permitido intervir no edifício sem ordem prévia. O convento chegou aos anos 1950 com graves problemas de cobertura e praticamente desabitado. Quando Cachoeira foi declarada Monumento Nacional, em 1971, o presidente da Câmara, Geraldo Simões Santos, solicitou ao ministro Jarbas Passarinho a celebração de um convênio com o estado, ou com o município, para a restauração do convento do Carmo. A solicitação não foi atendida. A ordem carmelita, em

Cachoeira, não mais conseguiu equilibrar-se, e acabou fechando as portas do seu convento.

Desativado o convento e retirados os frades carmelitas, a igreja da Ordem Primeira entrou em decadência. Finalmente, na década de 1980, o novo uso de pousada do antigo convento dos freis carmelitanos. Após a implantação da pousada, as intervenções no conjunto praticamente terminaram, uma vez que os espaços estavam sob uma administração particular, que só eventualmente solicitava permissão ao Iphan para pequenos reparos. A igreja da Ordem Primeira não apresentava danos físicos importantes, mas encontrava-se igualmente comprometida: dessacralizada, com o seu conteúdo interno perdido, foi agenciada segundo uma proposta artística que subverteu as linhas sóbrias e imponentes do espaço edificado. A partir do momento em que a pousada foi inaugurada e funcionando sob a administração da Bahiatursa, cessaram as referências a obras no convento ou na igreja, feitas pelo Iphan/FNPM.

Recentemente, o Programa Monumenta, sob os cuidados do Iphan, decidiu alterar o uso da igreja do Carmo. A partir de 2003, esse programa começou a atuar sobre o núcleo do Carmo, dentro da nova filosofia de sustentabilidade, que insere nos imóveis funções adequadas e capazes de promover a manutenção do edifício, por meio de modificações estruturais mínimas. A restauração completou-se em 2006. (Flexor, 2010, 38 – 39)

CAPÍTULO 2

O CONJUNTO DO CARMO ENQUANTO MONUMENTO ARQUITETÔNICO, CULTURAL E RELIGIOSO PARA A CIDADE DE CACHOEIRA

A expressão patrimônio histórico, artístico e cultural evoca entre as pessoas a imagem da valorização de monumentos antigos que devem ser preservados, ou porque constituem obras de arte excepcionais, ou por terem sido palco de eventos marcantes, referidos em documentos e em narrativas dos historiadores, legitimando toda uma verdade histórica. Entretanto, é forçoso reconhecer que esta imagem, construída pela política de patrimônio conduzida pelo Estado por mais de sessenta anos, está longe de refletir a diversidade, assim como as tensões e os conflitos que caracterizam a produção cultural do Brasil, sobretudo a atual, mas também a do passado.

A ideia de patrimônio cultural pressupõe a existência de um valor a ele atribuído, como justificativa da sua importância. Cria-se um universo simbólico característico aos patrimônios culturais, onde o valor nacional é o seu cerne. Segundo Dias:

Patrimônio pode ser compreendido com um conjunto de determinados bens móveis ou imóveis, tangíveis ou intangíveis que em determinado contexto foram considerados marcos importantes para a comunidade, estado ou país do qual fazem parte, em certos casos podem ser um motivo de orgulho para o homem, independentemente das fronteiras políticas, étnicas ou culturais, são considerados um marco e um símbolo para todos (...). (DIAS, 2010, s. p.)

Assim se configura o Conjunto do Carmo, tanto em sua face tangível e intangível, como um dos mais relevantes monumentos para o município da Cachoeira, patrimônio artístico, histórico, cultural para aquela população. Com base na criação de memórias, a partir de realidades produzidas culturalmente, verifica-se de quais formas o 'ser cachoeirano' vai se constituindo, tendo como referenciais o acervo sacro da Ordem Terceira do Carmo, a importância histórica do Conjunto do Carmo durante as batalhas pela Independência, a própria imaterialidade e o sincretismo religioso envolvendo a devoção ao Senhor dos Passos, tão difundida pela Venerável Ordem Terceira do Carmo. Representações desta identidade e das manifestações socioculturais do município, fortalecidas pelas ações de tombamento e salvaguarda, desenvolvidas pelo Estado.

[...] a palavra latina monumentum remete a raiz indo-européia men, que exprime uma das funções essenciais do espírito (mens), a memória. (...) O monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação,

voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado da memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só uma parcela mínima são testemunhos escritos. (...) O termo latino *documentum*, derivado de *docere* 'ensinar' evoluiu para o significado de 'prova' e é amplamente usado no vocabulário legislativo. (Le Goff, 1996, p. 535 e 536)

No que tange a indicação do Conjunto do Carmo como um monumento inserido dentro de um centro histórico, tem-se:

O patrimônio cultural edificado (...) pensado enquanto suporte da memória social, ou seja, os edifícios e áreas urbanas de valor patrimonial (...) tomados como um ponto de apoio da construção da memória social; como um estímulo externo que ajuda a reativar e reavivar certos traços da memória coletiva em uma formação sócio-territorial. (Mesentier, s.d., p. 03)

Abaixo, segue imagem com a amostragem da dimensão do centro histórico que compõe a cidade de Cachoeira:



Figura 1 – Mapa do Centro Histórico de Cachoeira
Fonte: Programa Monumenta, 2002.

O Conjunto do Carmo detém este suporte, especialmente quando se considera a sua utilização ao longo dos séculos:

- Sede da Congregação Carmelita em Cachoeira – Ordens Primeira (frades conventuais) e Terceira (irmandade de leigos);
- Hospital Provisório – Batalhas pela Independência da Bahia;
- Centro de Convenções – Igreja da Ordem Primeira do Carmo;
- Pousada do Carmo – Convento e Claustro da Ordem Primeira;
- Museu Hansen Bahia – Côro da Ordem Primeira;

- Matriz Provisória da Paróquia Nossa Senhora do Rosário – Igreja da Ordem Primeira do Carmo;
- Igreja das Ordens Primeira e Terceira do Carmo;
- Local para recepções diversas (festas, aniversários e casamentos) – Igreja da Ordem Terceira e Claustro da Ordem Terceira;
- Sede da Venerável Ordem Terceira do Carmo – Igreja da Ordem Terceira do Carmo;
- Promoção dos principais atos religiosos da Semana Santa em Cachoeira – promovido pela Ordem Terceira do Carmo.

A construção da memória social, tendo o Conjunto do Carmo como monumento referencial, implica no registro de tudo o que não foi presenciado. Trata-se de uma Memória que representa processos e estruturas sociais que já se transformam. Assim, se a sociedade atual traz as marcas das estruturas sociais que lhe antecederam e se estas marcas são potencialmente suportes da memória, então é também pela seleção, pela análise e pela interpretação destes suportes que são construídas a memória e o esquecimento social e toda esta gama de indicações de monumentos e manifestações culturais como síntese da tradição local.

O monumento Conjunto do Carmo, patrimônio cultural de Cachoeira e do Brasil, é a continuidade de uma mutação ocorrida com a sociedade cachoeirana ao longo dos séculos. Testemunha fiel de aproximadamente trezentos anos de história, cultura e tradição, algo que interferiu diretamente na sua funcionalidade e na sua relação com a população local.

É inquestionável que o Conjunto do Carmo é uma obra de arquitetura, com um vasto acervo material e imaterial, que transmite e perpetua à posteridade a história heroica, eclesiástica e artística do município da Cachoeira de ontem, de hoje e de amanhã. Ver figura 2.



Figura 2 - Conjunto do Carmo visto pela parte frontal
Fonte: Acervo Jomar Lima, 2006.

2.1 O Conjunto do Carmo como espaço de dinamização cultural

No século XVII, ano de 1688 tem início a construção da Ordem Primeira do Carmo. No ano de 1691 é criada a Irmandade e após cinco anos é erigida para venerável Ordem Terceira do Carmo através de um provimento da Ordem Carmelitana. No entanto funcionava na sacristia da Ordem Primeira do Carmo. Porém existem fontes que indicam que a construção do convento acontece no provável ano de 1715 e finalizando em 1722. Já a Ordem Terceira começa a ser construída no ano de 1700, quando a Família Adorno faz doação do terreno, possibilitando a sua edificação, tendo como agentes financeiros esta mesma venerável ordem terceira que eram irmãos confessos e composta de pequeno seminário.

Observa-se que este complexo, juntamente com a Casa de Câmara e Cadeia, compõe o espaço urbano mais importante da cidade de Cachoeira na Bahia. No que se refere à estrutura organizacional, a Ordem Terceira era a Ordem dos Civis ou dos Leigos, formada por abastados, ou seja, pela elite local: senhores de engenho e fidalgos portugueses. Já a Ordem Primeira, junto ao Convento era a ordem dos freis da Ordem Carmelitana. O Convento era um local de repouso e formação de novos freis. Além disso, o Conjunto do Carmo serviu para outras utilidades. Em períodos de cheias do Rio Paraguaçu abrigava as comunidades do entorno que necessitavam de abrigo. Também foi utilizado como hospital para abrigo dos enfermos que lutaram em Cachoeira pela independência do Brasil. Atualmente, o Conjunto do Carmo é estruturado da seguinte forma:

- **Ordem Primeira:** já não se configura como espaço de culto religioso. No entanto com o seu expressivo valor artístico e cultural, passa-se a ocupar ou desenvolver outras atividades como diversas exposições, concertos musicais (quando era considerado centro de convenções), na primeira reforma entre as décadas de 80 e 90. Diante da imponência arquitetônica e do seu patrimônio sacro religioso que possui, é criado através do Decreto Arquidiocesano de nº 013/03 , de 18 de agosto de 2003, o Museu de Arte Sacra do Recôncavo para funcionar no local. Porém, ainda não está em funcionamento. Entretanto, o espaço está reservado para tal função.

- **Convento:** funciona a Pousada do Convento e Restaurante (antigo convento dos Carmelitas), sendo ambos administrados por uma instituição privada que aluga o espaço. Além disso, o espaço funciona como ambiente de atividade cultural. Na pousada há uma galeria com obras de vários artistas de Cachoeira.

- **Ordem Terceira:** funciona como espaço de realização de eventos religiosos, a exemplo de casamentos e missas. No Claustro realizam-se eventos como aniversários, bailes de formaturas, seminários, encontros, congressos, dentre outros. Destaca-se a realização da Festa Literária Internacional de Cachoeira (FLICA), evento realizado anualmente no local desde 2011. Tem-se ainda uma área externa ao lado esquerdo da Ordem, que foi ampliada na última reforma realizada pelo Programa Monumenta nos anos de 2004 a 2006. Nesta, também realizam-se eventos diversos. Além disso, esta Ordem é aberta a visitação pública. Recebe visitantes de várias partes do mundo. Dentro do Conjunto, o visitante pode conhecer: a riqueza arquitetônica e patrimonial do local, formada pela belíssima construção, arte de estuque, azulejaria e pinturas de forro; Capela-mor, Mobiliário do século XVII; Catacumbas e lápides de famílias ilustres e clérigos; Uma rica imaginária; o Cláustro, onde são realizados os eventos e, por fim, vista-se a Capela. É cobrada uma taxa de R\$3,00 reais por pessoa para visitação. A visitação está disponível de segunda a sábado, das 9 às 12 horas e das 14 às 17 horas.

2.2 A arquitetura da Igreja da Ordem Terceira do Carmo

A arquitetura do Período Colonial tem como uma das mais importantes características a simplicidade; simplicidade expressa tanto nas construções civis (casarios e sobrados), como nas construções eclesíásticas (igrejas, conventos e mosteiros). Ambas as tipologias, em comunhão, formaram as primeiras povoações e vilas do Brasil, sendo, hoje, configuradas como centros históricos, não apenas pela beleza ímpar de cada uma, mas pela harmonia decorrente de suas combinações e pelos testemunhos que carregam, sendo fontes da história local, expressões de arte e cultura.

Em Cachoeira, diante da vastidão do perímetro urbano configurado como Centro Histórico, tombado pelo SPHAN e inventariado sob nº 32103-0.3-F001, com grau um (GP - 1), é perceptível esta realidade, somada à imponência e disposição dos principais monumentos arquitetônicos. A imagem abaixo (figura 3) mostra a dimensão e a estrutura dos espaços que compõem a Ordem Terceira do Carmo.

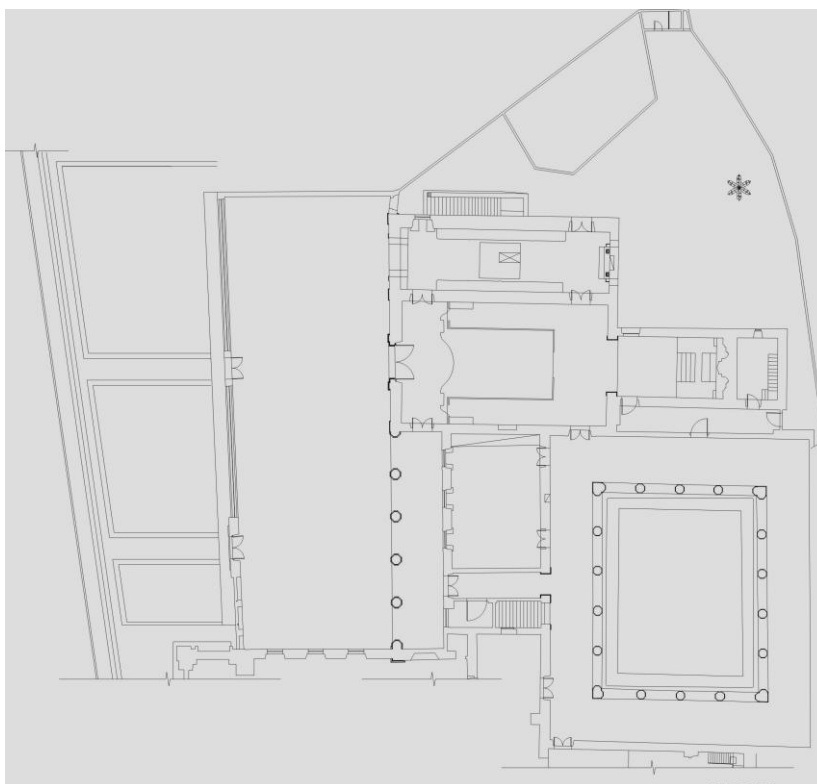


Figura 3 - Planta da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira-BA
Fonte: Programa Monumenta, 2002.

No que tange ao Conjunto do Carmo, especificamente, a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, é considerada um exemplo singular de arquitetura barroca que tinha uma finalidade específica, neste caso, de ser a sede de uma instituição religiosa.

A ordem 3ª do Carmo foi construída entre 1702 a 1724, estando situada à mão esquerda do convento, num dos vértices da Praça da Aclamação. O edifício é recuado com relação ao convento e, precedido de um adro separado da praça por grade de ferro. O seu claustro se engasta na fralda do morro existente no fundo do monumento. O conjunto do Carmo e a Casa de Câmara e Cadeia dominam o espaço triangular da Praça da Aclamação.

Comungando com objetivos da política colonialista da Coroa Portuguesa, dentro do sistema estabelecido de Capitânicas Hereditárias, os Carmelitas, com seu projeto de evangelização e catequização dos que ali habitavam, desempenharam tanto funções religiosas como

administrativas, sendo entidade determinante no desbravamento e defesa das terras brasileiras contra os interesses estrangeiros, haja vista que a pequena capela serviu de hospital para abrigar os feridos da heróica batalha ocorrida na Bahia e que desencadeou na Independência do Brasil.

Em decorrência destas múltiplas funções, observa-se que, nos três primeiros séculos do Brasil Colônia, neste contexto de padroado (parceria entre Estado e Igreja), as construções religiosas, no âmbito urbano e rural, evidenciavam-se na paisagem intencionalmente, como um imponente e explícito discurso de autoridade.

Em linhas gerais, a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, segue o padrão arquitetônico do período, ou seja, as fachadas templo, marcado por frontão triangular, duas janelas com função de iluminação e ventilação do côro, as laterais delimitadas e ressaltadas pelo desenho de cunhais (pilastras), não tendo torre sineira (costume antigo dos Terceiros usarem a torre e os sinos de seus pais espirituais, os frades Carmelitas). Ao contrário da Igreja da Ordem Primeira, com fachada ricamente adornada, trata-se de um monumento edificado ao gosto clássico, sob a forma renascentista retilinear, austero, despojado, no entanto, sem a presença de torre sineira, o que é um elemento muito valorizado na época. “As fachadas das duas igrejas mostram bem um contraste entre o estilo barroco do início do século XVIII e o posterior rococó. A Ordem Terceira guarda em geral as formas retilíneas do tão falado estilo jesuíta do século XVII”. (Smith, 1971, p. 89)¹ Edifício com estrutura de paredes auto-portantes de alvenaria mista (pedra e tijolo) que suportam os assoalhos e telhados superiores. Ver figura abaixo:



Figura 4 - Fachada da Ordem Terceira do Carmo
Fonte: Jomar Lima, 2006.

¹ **SMITH**, Robert C. Aspectos da Arquitetura da Basílica da Conceição da Praia. In: O bi-centenário de um monumento baiano. v. 2. Salvador: Beneditina, 1971. (Coleção Conceição da Praia).

Conste que a inscrição existente na fachada (1724 ou 1742), abaixo do brasão da Ordem, não tem nenhuma ligação com a construção da Igreja, como é de se supor, e sim, apenas, com a modificação da fachada. (Ott,1998, p. 166)²

No interior, forma retangular e a nave única, inclusive sem apresentar capelas laterais, apenas a principal, a capela mór. Essa planta longitudinal foi projetada com o intuito de reunir uma grande quantidade de pessoas num mesmo espaço e mantê-las com a atenção voltada para o altar principal, onde se desenvolve, ainda hoje, em ocasiões especiais, o culto religioso. Ver figura 5:

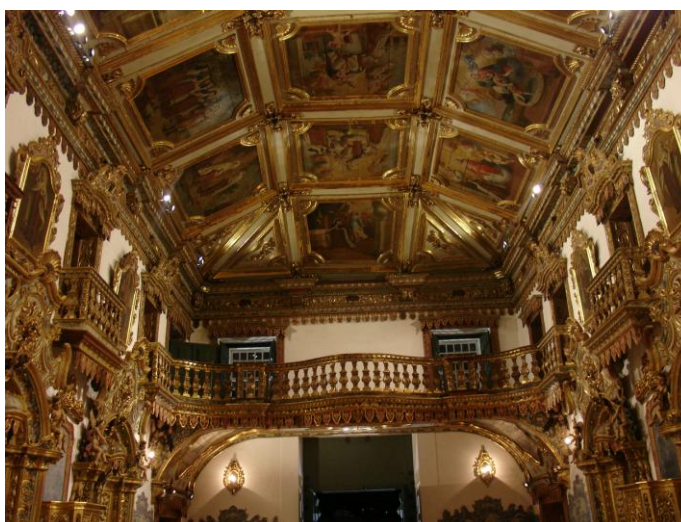


Figura 5 - Vista Interna – Côro e Tribunas
Fonte: Jomar Lima, 2006.

Em relação ao primeiro andar, Maria Moura Filha coloca:

(...) este espaço se configura muito mais como uma galeria do que como um corredor lateral (...) Sobre estas galerias estão as tribunas, tornando-se parte integrante do volume da edificação, e não um volume acoplado a esta. Nas galerias estão situadas as escadas que levam ao púlpito, ao coro, às próprias tribunas (...), cumprindo [ainda] a mesma tarefa de circulação. (FILHA, 2008, s.p.)³

² OTT, Carlos. Atividade Artística da Ordem 3ª do Carmo da Cidade do Salvador e de Cachoeira (1640 – 1900). Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1998.

³ FILHA, Maria Berthilde Moura. Arquitetura e Arte no Brasil Colonial – uma miscigenação de formas e fazeres. In: Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. Mneme – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. N. 24, set/ out. 2008. ISSN 1518-3394. Disponível em: www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais.

A simplicidade externa da Igreja contrasta com a decoração interior: talha em estilo barroco joanino e neoclássico, as telas representando os santos terceiros carmelitas, o arcaz de jacarandá da sacristia, o armário do Salão Nobre da Ordem Terceira (decorado com pintura de influência chinesa), os painéis de azulejos portugueses do século XVIII, a grade de jacarandá que rodeia toda a nave, os arcos achatados do claustro, as pinturas em caixotões dos tetos, o Lavabo de lioz da Sacristia, o cemitério e carneiras com decoração em estuque, os braços tocheiros das portas almofadadas. Ver figura 6.



Figura 6 - Vista interna – nave e altares
Fonte: Jomar Lima, 2006.

Como afirmado anteriormente, em seu itinerário histórico, a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, assim como todo o conjunto, teve diversas finalidades, até que em meados do século XX o prédio entre em profunda decadência e abandono. O Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), em seu inventário⁴, apresenta uma cronologia histórica de sua arquitetura:

- 1691 - Três anos depois da chegada dos frades, é criada a Venerável O. Terceira do Carmo. Casa e terreno para construção da sua sede são doados, em 1700, pelo Gel. João Rodrigues Adorno e esposa, sendo a escritura definitiva passada em 1702. Foi escolhido como primeiro prior Antônio Cardoso Pereira e subprior, João Rodrigues Adorno.
- 1724 - Ano gravado na portada da capela deve assinalar a conclusão da mesma.

⁴ **Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia.** Volume III – Monumentos e Sítios do Recôncavo – 2ª parte. Cachoeira. Salvador: IPAC, 1975.

- 1730/40 - Período provável da talha do altar-mor e arco cruzeiro, a mais antiga existente no edifício.
- 1745/50 - São desta época e de fabricação lisboeta os azulejos da nave e capela-mor, segundo Santos Simões.
- 1760 - Época dos altares da nave e púlpitos.
- 1768/69 - É construído neste período, o cemitério com carneiras nas paredes e abóbada como teto.
- 1778 - Provável término da "loggia" e claustro.
- 1810 - Data no portão do adro assinala o fechamento do mesmo por um muro alto que ainda existia em 1866. Por prejudicar a visão do monumento foi, depois, rebaixado e completado por grade de ferro.
- 1938/39 – A Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional (SPHAN) realiza obras de emergência no convento e Ordem Terceira do Carmo.
- 1954/56 - Obras, que consistiram na recuperação do telhado e restauração da talha, foram executadas pela SPHAN.

Em 2002, a partir de Convênio assinado entre o IPHAN e Programa Monumenta⁵, houve a recuperação de todo o conjunto do Carmo, onde iria funcionar o Museu de Arte Sacra do Recôncavo. Foram feitas ações restaurativas para conservação e manutenção dos elementos arquitetônicos e artísticos ali existentes, como a prevenção de problemas que possam a vir a colocar em risco a integridade do imóvel e acervo:

A intervenção na Ordem Terceira do Carmo restringiu-se, na sua maior parte, à conservação da estrutura edificada e dos bens integrados. O programa existente foi mantido, uma vez que as atividades religiosas e de museu eram adequadas ao edifício, pois estavam em pleno funcionamento e não exigiam alterações na estrutura arquitetônica. (...) (FLEXOR, 2007, p. 123)⁶

Na concepção do Museu de Arte Sacra do Recôncavo, tendo a Igreja da Ordem Terceira do Carmo como referência, já que, atualmente, é o local onde ocorre a exposição de acervos da instituição. É relevante citar o papel do planejamento arquitetônico empregado na construção do templo e que facilitou o acesso do público e uma melhor visualização das peças selecionadas, mesmo considerando que trata-se de uma igreja, capela paroquial, em

⁵ Programa do Governo Federal, através do Ministério da Cultura, em parceria com o BID, Banco Mundial, para recuperação de monumentos históricos brasileiros.

⁶ **FLEXOR**, Maria Helena O. O Conjunto do Carmo de Cachoeira. Brasília: IPHAN; Monumenta, 2007.

plena atividade, com limitações no que tange à disposição da coleção no espaço, a inserção e retirada de mobiliário e eventuais suportes, já que os suportes são os próprios altares e consoles e a execução de uma expografia pré-estabelecida. Na realidade, a Ordem Terceira foi adaptada como museu, sendo que nos espaços anexos (sacristia, claustro, salão nobre e cemitério) há uma melhor exploração dos aspectos anteriormente descritos. Mesmo diante de certas limitações, Lisbeth Rebollo Gonçalves destaca:

(...) os recursos “cenográficos” criam para o receptor as estratégias que funcionam como chaves de exposição, pelas quais são possíveis a experiência estética e a apreensão de conteúdos. A “cenografia” cria a condição intertextual para proporcionar a comunicação da arte de forma a condicionar o efeito estético, ou seja, a recepção da arte em exibição. (GONÇALVES, 2004, p. 35)⁷

A decoração barroca predominante na Igreja possibilita o cumprimento destas estratégias, mediante uma linguagem iconográfica que traduz a essência daquele acervo sacro, tornando o espaço um museu instituído e impotencial (já que se trata de uma expografia natural), na condição de elemento laico, sem perder a sacralidade que lhe é peculiar.

A Ordem Terceira do Carmo, em sua essência é um museu histórico, já que abriga um acervo de obras de arte de cunho eclesástico. A Igreja da Ordem Terceira do Carmo como sendo, hoje, o setor principal desta instituição, traz uma arquitetura tão musealmente planejada que, por vocação natural, “guarda um tesouro público e que é, ao mesmo tempo, um templo consagrado (...)” (KIEFER, s/d., p. 13)⁸.

2.3. A Iconografia na concepção da Capela da Ordem Terceira do Carmo: Museu de Arte Sacra do Recôncavo

Quando o Concílio Vaticano II propôs a toda a Igreja ‘voltar às origens’, os artistas sacros se voltaram para a iconografia como expressão mais genuína da arte cristã. A arte como expressão de fé se volta para as atividades criativas dos primeiros séculos, trazendo para o Ocidente contemporâneo a beleza da mensagem divina.

A encarnação da beleza, o Verbo Divino, renovou o ser humano, decaído pelo pecado, dando-lhe uma nova visão do mundo criado e do próprio Criador. Em Cristo, a beleza não é mais apenas uma categoria abstrata, conceitual, mas uma experiência, alguém que “nossos

⁷ **GONÇALVES**, Lisbeth Rebollo. Entre Cenografias: O Museu e a Exposição de Arte no Século XX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp, 2004.

⁸ **KIEFER**, Flávio. Arquitetura de Museus. Arqtexto 1, S.d. Disponível em: www.ufrgs.br/publicacoes/ARQtextos/.../1/1kiefer.pdf

olhos viram e nossas mãos tocaram” (1 Jo 1,1)⁹. Assim, a arte sacra é a teologia em cores e traços desta grande verdade.

Esta verdade de fé vai se exprimir ao longo dos séculos, e especialmente na Bahia, na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, através de três estilos artísticos distintos: a predominância barroca e, em menor profusão, o Neoclássico e o Rococó. Já o Barroco, segundo o pesquisador Paulo Pereira, temos a seguinte definição:

(...) estilo artístico que se caracteriza pelo *arrebatamento da forma*. A estrutura – sejam as paredes duras de um edifício, seja a anatomia de uma figura – dinamiza-se, curvando o que pode ser linear, torcendo o que pode ser um gesto ou uma pose simples. As volutas dos portais, as colunas espiraladas de um altar, os dedos da mão de uma imagem ou o drapeado dos trajes introduzem novos ritmos que nos fazem demorar o ver; é isto mesmo o olhar barroco. (PEREIRA, 1997, p. 160 – 161)¹⁰

Uma tendência que pode ser identificada, quase que totalitariamente, em toda a decoração interna e externa do templo, com especial dedicação à coleção de alfaias e imaginária que compõem o acervo do museu.

Um ponto a ser referendado neste estudo é a vasta coleção de imaginária do século XVIII pertence à instituição e que traduz integralmente o valor e a beleza de todo o acervo do museu: Abaixo segue a lista do acervo da Ordem Terceira do Carmo:

1. Cristo de madeira com resplendor dourado
2. Imagem de Nossa Senhora do Carmo (altar)
3. Santo Espiridião
4. Santa Isabel
5. São Franco
6. São Luiz Rei de França
7. Santa Joana
8. Santo Eduardo da Inglaterra
9. Imagem de Cristo (Senhor Morto)
10. Cristo de Marfim e cruz de jacarandá
11. Nossa Senhora do Carmo em madeira (policromada)
12. São João Evangelista

⁹ **Bíblia Sagrada**. 122ª Ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1998.

¹⁰ **PEREIRA**, Paulo. As dobras da melancolia – o imaginário barroco português. *In.*: Barroco: teoria e análise. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997.

13. Cristo Ressuscitado em madeira policromada.
14. Cristo da Pedra Fria.
15. Cristo da Coluna (madeira).
16. Jesus da Paciência (madeira).
17. Cristo manietado (madeira).
18. Cristo da agonia (articulado/madeira).
19. Santa Madalena
20. Anjos Toucheiros (02) (madeira)
21. Crucifixo de madeira (05)
22. Crucifixo de bronze (01)
23. Cristo
24. Santana Mestra (madeira)
25. Nossa Senhora da Conceição (madeira)
26. São José (madeira pintada).
27. Nossa Senhora do Carmo (madeira)
28. Nossa Senhora do Carmo
29. Santo Elias
30. Santo Eliseu
31. Cristo em madeira
32. Santa Tereza D'Ávila (madeira)
33. Santa Escolástica
34. Nosso Senhor dos Passos (com gancho de prata)
35. Nossa Senhora do Carmo
36. Anjos (02)
37. Menino Jesus (02)
38. Nossa Senhora das Dores (02)
39. Nossa Senhora da Soledade.
40. Santa Terezinha (01) (gesso)
41. Santa Terezinha (01) Policromada

Ao consultar o rol acima, das esculturas existentes na Ordem Terceira, nota-se o nome de alguns santos desconhecidos da população; isso pode ser percebido diretamente durante uma visita à instituição, quando não figuram nos altares, nem na exposição, imagens de santos cultuados popularmente, como Santo Antônio, Santa Bárbara, São Jorge, dentre outros tantos. Isso pode ser explicado, tendo como fundamento a informação de que:

Após o Concílio de Trento (...) pode-se perceber clara a distinção entre os santos venerados eclesiasticamente e aqueles venerados nos segmentos populares. Nos claustros dos mosteiros e conventos [também nos altares], são figurados santos que exemplificam a disciplina e o rigor da vida monástica, dos carismas das ordens religiosas, dos ideais de fé, castidade e desprendimento do trabalho missionário (...). Nas paredes, naves, absides, frontispícios, capelas abertas e outros espaços públicos ou de visitação dos mesmos mosteiros, conventos ou igrejas (...) figuram-se os santos patronos (...) além de símbolos religiosos mais populares – como os da paixão de Cristo (...) (Lopes, 2003, p. 12)¹¹

A Igreja do Carmo é um exemplo fiel desta realidade, já que as imagens que podem ser contempladas nos seus altares e espaços anexos são de santos pertencentes à Ordem Carmelitana ou de benfeitores da mesma, além da relevante coleção dos ‘Cristos de Macau’ e o Senhor dos Passos, que são venerados ardorosamente pela população, principalmente durante as celebrações da Semana Santa, onde os referidos passos, como são conhecidos, são utilizados nas diversas cerimônias litúrgicas e procissões. É válido ressaltar que este desconhecimento por parte da comunidade acerca dos santos e santas ali figurados, não diminuem o valor histórico, artístico e cultural dos mesmos, acrescentando neles o fator de serem representações iconográficas raras de uma determinada invocação, o que não pode ser percebido nos santos populares, que têm suas imagens reproduzidas industrialmente, com materiais nem tão nobres e com decoração pictórica simples e despojadas. Ver figura 7:



Figura 7 - Coleção dos Passos de Cristo – Macau
Fonte: Jomar Lima, 2006.

Um fator interessante a ser percebido é a predominância das coleções de imaginárias na maior parte dos Museus de Arte Sacra, especialmente no Carmo, em Cachoeira. O mesmo

¹¹ **LOPES**, José Rogério. Imagens e Devoções no Catolicismo Brasileiro. Fundamentos Metodológicos e Perspectivas de Investigações. In: Revista de Estudos de Religião. Nº 3. 2003. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_lopis.pdf

Concílio ainda aponta para este fato, partindo do seguinte princípio, como menciona Freire (2009)¹²:

A razão da existência de tantas imagens sacras católicas está na gênese do povo brasileiro, enquanto mestiço, enquanto multicultural. Quando os portugueses começaram decididamente a colonização branca do Brasil, a Europa estava experimentando uma reação institucional da Igreja Católica contra a debandada de fiéis e a conquista de importantes territórios para a dissidência cristã promovida pelo Protestantismo. A reação deu-se por um Concílio (...) (p. 2144)

(...)

(...) a cúpula da Igreja Católica reafirmou a tradição medieval do culto das relíquias dos santos mártires e a representação por imagens das figuras sagradas como forma didática de ensinar aos fiéis, que aqueles santos tiveram uma vida terrena, destacada pelo fervor religioso (...) (p.2146)

(...)

(...) a imagem era o único meio de comunicação possível para falar às populações, na sua grande maioria analfabetos, inclusive os nobres. (p.2147)

O Barroco, com sua dramaticidade e exuberância, muito colaborou para esta catequese visual.

Não obstante, a Igreja da Ordem Terceira do Carmo possui uma linguagem expográfica muito peculiar, mesmo esmerando em ornamentos, o que traduz o refinamento e a devoção dos irmãos terceiros que trabalharam pela construção e decoração interna do referido templo e ainda lutam pela conservação de tão precioso acervo.

É a leitura iconográfica que dá os parâmetros para a sedimentação destas identificações, através da leitura dos painéis de azulejos, das telas, das esculturas, das volutas, ramagens e alegorias dos retábulos, propondo um sentido real para aquele ícone, através do estudo de três conteúdos específicos, como explicita Panofsky (1995)¹³:

- O conteúdo temático:

(...) apreendido pela identificação das *formas* puras, ou seja, certas configurações de linha e cor (...) identificando as suas relações mútuas

¹² **FREIRE**, Luiz Alberto Ribeiro. Imaginária e imaginário no Brasil Colonial. *In*: Anais do 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - Transversalidades nas Artes Visuais. Salvador – Bahia: 2009. Disponível em: www.anpap.org.br/2009/pdf/chtca_aberto_ribeiro_freire.pdf

¹³ **PANOFSKY**, Erwin. Estudos de Iconologia: temas humanísticos na arte do renascimento. 2ª Ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. (Coleção Teoria da Arte, vol. 9)

como *factos*; e percebendo as qualidades expressivas, como o caráter triste de uma pose e de um gesto (...). *significados primários* ou *naturais*, (...) o mundo dos *motivos* artísticos. Uma enumeração destes motivos constituiria uma descrição *pré-iconográfica* da obra de arte. (p. 21)

- O conteúdo secundário ou convencional

(...) relacionamos *motivos* artísticos e combinações de *motivos* artísticos (*combinações*) com temas ou *conceitos*. (...) (p. 21)

- Significado intrínseco ou conteúdo

(...) os pressupostos que revelam a atitude básica de uma nação, uma época, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica – assumidos inconscientemente por um indivíduo e condensados numa obra. (p. 22)

Neste contexto, alguns detalhes formais, visíveis aos olhares atentos dos visitantes (cores, linhas, gestos, harmonia, a conjuntura da obra, a disposição das peças), dão sentido aos objetos, constituindo sua iconografia.

A iconografia, a partir da leitura individual do indivíduo, vai situar a realidade do sacro, devido ao espaço ali constituído, vai elencar às figuras tridimensionais colocadas nos altares a condição de santos e santas, vai considerar os retábulos, painéis de azulejos e telas como obras de arte, pelo que expressam e pelo que atraem, independente da iconologia que permeou sua concepção, isso dependendo da interpretação e do contato que cada indivíduo vai ter com aquela conjuntura: devocional, artística, cultural, histórica e informal.

A iconologia, com citado anteriormente, trata de assuntos referentes às indicações estilísticas, históricas e autorais da escultura, além de visar às intenções que permearam sua execução, sua finalidade e o contexto social a qual está inserida, informações que serão relevantes àqueles que quiserem aprofundar seus estudos na análise das coleções ou peças que compõem o acervo do Carmo, e que não interferem diretamente na comunicação estabelecida entre os visitantes e o que está exposta nem tão pouco na relação da comunidade local com aquela instituição. Aliás, estas informações podem servir de base para tratar questões referentes à identificação da população com aquele acervo, sendo instrumentos de tradução da relação da comunidade do Carmo com o Museu de Arte Sacra.

Enquanto a Iconografia paira sobre a superfície da obra artística, a iconologia (...) vai mais fundo. Dirige-se ao método interpretativo e, (...) vai além da mera descrição, adentra no mundo mágico das abstrações alegóricas e metafóricas (...) (BRANDÃO, 2010, s/p.)¹⁴

¹⁴ BRANDÃO, Antônio Jackson de Souza. A imagem nas imagens: leituras iconológicas. In: Revista Lumen Et Virtus. Vol. 1. Nº 02. Maio/2010. Disponível em: www.jackbran.com.br/lumen_et_virtus/2/PDF/ajackson.pdf

Das descrições formais, perceptíveis aos olhos nus de quem contempla algo às informações intrínsecas que iria confirmar o porquê de tal imagem ser dedicada a tal santo, porque e para que foi feita, também, o contexto social que permeou a feitura mesma.

CAPÍTULO 3

CONJUNTO DO CARMO: A RELAÇÃO MONUMENTO E CIDADE

Neste capítulo, abordaremos aspectos sobre a relação do Conjunto do Carmo com a cidade de Cachoeira. Para isso, utilizaremos as impressões de pessoas da cidade para depois relacionarmos com abordagens referentes à memória, monumentos, cidade e seus aspectos históricos.

Conceitos como sítios históricos, centros históricos, cidades históricas carregam uma vastidão de essências, pensamentos, relações e motivações. Os conceitos são vastos, porém poder-se-ia dizer que trata-se, aqui, de uma realidade distinta: Cachoeira – enquanto espaço físico e urbano, mas, também, enquanto espaço humano. A *pólis* se define, sobretudo, a partir da comunidade de cidadãos, aqueles que habitam a cidade, que a constroem diariamente, através do seu trabalho, das relações interpessoais, do seu movimento, dos que a visitam. A *pólis* Cachoeira definiu ou ainda definirá, também, um conjunto de valores cívicos, de deveres e direitos, teoricamente partilhados por todos, em comum acordo e que permitem o funcionamento e desenvolvimento da comunidade. Assim, a sociedade deve conscientizar-se de que dispõe destes espaços que lhes pertence e que estes devem ser utilizados. Espaços de todos, preservados, espaços de *polis*.

A cidade é constituída, solidamente, a partir de suas construções, os monumentos. E Cachoeira, como cidade histórica, é repleta desses monumentos, mantidos através do esforço da sociedade em legar para as futuras gerações todo esse patrimônio. Nesta perspectiva, faz-se mister um estudo e pesquisa em relação à memória dos habitantes, lembranças de um passado recente, fruto de toda esta tradição cultural perpetuada ao longo dos séculos, registrada na oralidade característica da gente do Recôncavo, e nos monumentos que contam o itinerário histórico da cidade de Cachoeira, manifestações, bens imóveis, móveis e integrados, da arte e da cultura local. É a imagem viva de tempos passados ou presentes. “Os bens, que constituem os elementos formadores do patrimônio, são ícones repositórios da memória, permitindo que o passado interaja com o presente,

transmitindo conhecimento e formando a identidade de um povo.” (Patrimônio histórico: como e por que preservar, s.p., 2008)

Neves, em seus estudos em relação ao Patrimônio e Comunidade, especificamente no caso do Seminário de Belém de Cachoeira, afirma que:

(...) a memória aparentemente mais particular remete sempre a um grupo. Ou seja, o indivíduo carrega em si as lembranças, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto dessas relações que, através de uma rede cultural e social, os entrevistados constroem suas lembranças. Estas lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, naquilo que Halbwachs denomina de “comunidade afetiva”. A discussão sobre o que se pode chamar hoje de patrimônio cultural passa por um processo de ressignificação que exige dos profissionais da área uma nova postura frente a esta questão. (...) a noção de patrimônio, assim como a de monumento, veio se modificando ao longo dos séculos e passou do *status* de antiguidade, no século XV, para sofrer o “complexo de Noé”, nos dias atuais. Afinal, tudo tem ou obtém algum motivo para ser preservado para as populações vindouras. (NEVES, 2012, p. 65).

O conceito de monumento e sua indicação como tal pode variar conforme a cultura, a sociedade, a concepção temporal e estética de um grupo social. A forma de se apropriar de um determinado espaço ou de se comportar em um espaço público difere de povo a povo, pessoa a pessoa, chegando, até mesmo, a chocar. A percepção espacial, o reconhecimento do monumental varia conforme a cultura local ou individual, funcionando como um filtro para a apreensão de um mesmo fato, objeto, imagem ou espaço.

Através desta pesquisa de campo constataram-se elementos que compõem e podem ter significados contraditórios, por vezes estranhos a depender do indivíduo que está em contato com a realidade específica do lugar. O elemento próprio de cada local é, então, associado à cultura individual, do grupo ou da região, para formar um todo e uma imagem pessoal, única e que não pode ser repetida e que merece ser respeitada. O olhar dos cachoeiranos sobre o Carmo vai diferir do olhar dos demais visitantes, até mesmo por que estes últimos ainda não despertaram um sentimento de pertença, que é típica ou não dos primeiros.

O que foi indagado, individualmente, tem haver com a concepção, a imagem que aqueles oito entrevistados, exemplares ímpares da comunidade local, têm em

relação ao Conjunto do Carmo, em Cachoeira, cidade do Recôncavo Baiano. A partir deste diagnóstico, tem-se um parecer da atual relação dos cachoeiranos, não apenas com o Carmo, mas tendo o Carmo como objeto de estudo, com os monumentos da cidade.

O monumento público coloca-se como uma manifestação artística que tem como pano de fundo e parte essencial para sua existência a cidade, este corpo mutável, contraditório, multifacetado e complexo. Esses dois elementos, cidade e monumento público estão inter-relacionados de maneira que a compreensão do papel de um monumento público, sua significação e a apropriação que a população faz de sua imagem, considerando a representação do monumento como elemento essencial de orientação, um marco para localizar-se em meio à trama urbana e um símbolo que pode compreender uma função fundamental para os habitantes e moradores do lugar (...) pontos de conexão para uma percepção mais ampla da cidade. (...) que representa uma série de lembranças, idéias, imagens que variam de indivíduo a indivíduo, mas mantêm uma característica comum de símbolo-imagem-orientação, sendo mesmo um canto de recolhimento contemplativo em meio à agitação característica das metrópoles. (SÁ, 2007, p. 09)

Portanto, a forma como a população de Cachoeira percebe este monumento está relacionada a diversos fatores, desde a idéia gerada pela sua imagem, a forma da representação, pois o Conjunto do Carmo interage com o complexo panorama urbano, de um centro histórico no contexto de uma cidade que, cada vez mais, tende a se modernizar, e é parte da vida da cidade, assim como das suas funções. A forma como os moradores estabelecem relações, liga-se à vida da comunidade e do cidadão comum, funcionando como símbolos e formando imagens mentais que dão forma à cidade.

“(...) esse pertencimento que a Comunidade sempre teve. É claro que isso decaiu, mas de acordo ao próprio passar do tempo e às próprias pessoas que ali passaram, e eu digo isso, pela cidade como um todo (...) muitas pessoas nem tem esse conhecimento de quem foram os freis carmelitanos, qual sua importância para questão urbanística da cidade. Se a gente for analisar o centro da cidade de Cachoeira, esse conjunto que as pessoas chamam de Centro Histórico, em torno de quarenta por cento, pertencia a Ordem Carmelitana. Então, até a parte urbanística de Cachoeira ela tem influência muito grande. Ela teve influência grande na parte de Gestão Administrativa, influenciou muito no final do século XVII e início do século XVIII, pelo próprio poderio econômico da época. A Ordem Carmelitana investiu muito em Cachoeira. Eu não sei falar em dados específicos de números, mas investiu muito e teve um trabalho muito forte na questão do urbanismo e na questão do pertencimento da comunidade de Cachoeira (...)”. *Jomar Lima da Conceição*.

Percebe-se na fala do entrevistado a importância da oralidade, que perpetua a história e eterniza fatos e, até mesmo, conceitos em relação aos monumentos. Certamente toda esta tradição que elevou o Conjunto do Carmo ao nível monumental aos olhares da comunidade, celebrada com o reconhecimento nacional, a ação de tombamento, é fruto de toda uma tradição oral, que narra a história dos freis carmelitas em Cachoeira e de sua importância para a concretização de todo um plano urbanístico local, na valorização e implantação de uma arquitetura eclesiástica na cidade. As gerações foram se sucedendo, as informações foram sendo passadas e todo o conhecimento foi preservado; tudo isso somado aos documentos impressos e ao próprio monumento como testemunha de todo esse passado.

Não obstante, Cachoeira e seu patrimônio, especialmente o Conjunto do Carmo é reflexo, mesmo tendo convivido com esta tradição da oralidade, diante das mídias modernas e de todos os modismos típicos da sociedade capitalista, sofre com as modernas tendências, que vem bloqueando os caminhos destas lembranças para as gerações de agora e as vindouras, isto porque nos nossos dias “o velho foi reduzido à monotonia da repetição (...) as lembranças pessoais e grupais são invadidas por outra ‘história’, por uma outra memória que rouba das primeiras o sentido, a transparência e a verdade.” (Bosi, 2009, p. 19)

Os referidos aspectos, por assim dizer históricos, presentes na relação entre o monumento Conjunto do Carmo e a população cachoeirana demonstram como a convivência entre o antigo e o novo pode acontecer de forma conflitante e contraditória, pois a novidade, a intensidade e o excesso de informações do mundo moderno passam a fazer parte do cotidiano das pessoas e geram um impasse em relação à leitura do monumento, conseqüentemente, sua consideração como algo obsoleto, velho e sem utilidade. Esta leitura compreende os aspectos individuais da percepção do observador e elementos próprios ao lugar, ao contexto da cidade e ao simbolismo e significação que a imagem do objeto-monumento tem para os habitantes e moradores, constando que esta é apenas uma tendência isolada.

Embora os detalhes ou formas de representação sejam produtos de cada época particular, a relação população monumento acontece independentemente um do outro, já que ambos existem e, de alguma maneira, tendem a se encontrar.

Um aspecto que deve ser citado e que muito colabora para essa quebra no ciclo da tradição é a questão da utilidade das coisas. A humanidade passa da contemplação e da compreensão à manipulação e ao controle da natureza. Invertem-se os pólos, o sagrado é suprimido pelo profano, o útil perde sua função.

“(...) Dentro do conjunto já tiveram exposições, apresentações de dança, especialmente na área da Ordem Primeira do Carmo. Quando houve a primeira restauração, a primeira intervenção, ali se tornou o Centro de Convenções, atendendo à necessidade local. Ali já aconteceram vários concertos, shows, exposições, apresentações de artistas locais. Acho que todo local disponível que não seja de celebrações pode ser utilizado para eventos (...)”. *Alzira Costa*.

Uma das grandes problemáticas envolvendo a questão patrimonial nos nossos dias refere-se a esta inutilidade dos monumentos e bens tombados. No entanto, especialmente em relação ao Conjunto do Carmo não se trata de uma inutilização, mas de um processo de abandono, consequência da saída da Ordem Religiosa da cidade, que, conseqüentemente, deixou o espaço da Ordem Primeira em total situação de deriva. Com a deterioração do espaço, o local passa a ganhar outros atributos, servindo de Centro de Convenções, como aponta a entrevista.

O sagrado é dessacralizado, o monumento perde sua função vernácula, a história deixa de ser cíclica, mesmo ganhando mais um capítulo; e esta inversão nos usos vai refletir diretamente nos costumes da população e, como citado anteriormente, na relação da população local com aquele Conjunto. Muitos cachoeiranos, certamente, ao contemplares a Igreja da Ordem Primeira não saberão defini-la especificamente, dando palpites do tipo: igreja (pela sua imponente faixada), museu (pela constituição do Museu da Ordem Terceira do Carmo), Centro de Convenções (pelos eventos e palestras ali realizados). Ultimamente o local serviu de sede para a Paróquia do Rosário, no período de restauração de sua Matriz, tendo de volta a função eclesiástica.

O Conjunto é reflexo de uma realidade que se tornou prática constante em Cachoeira. O seu sítio histórico, com inúmeros monumentos, quase totalmente restaurados, vêm sendo dessacralizados, para ganhar uma nova funcionalidade.

A reutilização, que consiste em reintegrar um edifício desativado a um uso normal, subtraí-lo a um destino (...), é certamente a forma mais paradoxal,

audaciosa e difícil da valorização do patrimônio. (...) o monumento é assim poupado aos riscos do desuso para ser exposto ao desgaste e usurpações do uso: dar-lhe uma nova destinação é uma operação difícil e complexa, que não se deve se basear apenas em uma homologia com sua destinação original. Ele deve, antes de mais nada, levar em conta o estado material do edifício, o que requer uma avaliação do fluxo dos usuários potenciais. (CHOAY, 2006, p. 219).

Certamente, uma igreja, espaço sagrado, não comporta as atividades referentes a um centro de convenções, mesmo que se trate de uma área ampla como a da Ordem Primeira e que propicia tal função. Estes usos, muitas vezes, arriscados, configuram-se como uma agressão ao conceito de patrimônio e ao próprio conceito do momento enquanto registro histórico de determinada realidade. A própria essência do monumento precisava ser considerada, por mais que a utilização dos espaços tombados, sem funcionalidade específica, restaurados e conservados seja uma atitude, por vezes, necessária. É importante frisar, tem de se fazer um estudo de caso prévio, para que o sagrado não seja profanado, pois tem de se considerar que este processo de dessacralização do Conjunto do Carmo já havia sido sedimentado com a concessão da implantação de um hotel de luxo nas dependências das selas e claustro dos freis.

Se preservar “(...) é livrar de algum mal, manter livre de corrupção, perigo ou dano, conservar, livrar, defender e resguardar” (Lemos, 2006, p. 24), precisamos preservar os monumentos, dar-lhes uso para manter sua integridade após a intervenção de restauro e, principalmente, respeitar a sua essência e sacralidade, no caso do Conjunto do Carmo, tendo como referencial toda a tradição religiosa que acompanha a história do monumento.

“(...) O que eu me lembro da juventude era do Carmo e da visitação do Senhor dos Passos. Aqui ainda tem essa questão do Sincretismo Religioso. Aqui em Cachoeira, as pessoas são muito devotas ao Senhor dos Passos e para o Povo de Santo, Senhor dos Passos é também Oxalá. Então eu me lembro das visitações que eu fazia aqui no dia de sexta-feira, na parte de cima. Na minha época isso aqui não pousada. Ficou Convento, funcionou como Pousada de maneira ainda muito precária (...)”. *Antônio Raimundo Santana Santos*.

O Conjunto tem toda uma tradição religiosa, que tem sua origem no carisma carmelitano, dos irmãos primeiros (conventuais) e terceiros (leigos), e que merece

ser considerada em relação às intervenções citadas anteriormente. A própria população cachoeirana vive esta mística e celebra toda esta devoção ao Senhor dos Passos e a Nossa Senhora do Carmo.

Neste contexto, tem-se, também, a manifestação do sincretismo religioso, presente na veneração da imagem do Senhor dos Passos pelos filhos de santo e iniciados nas religiões de matriz africana, associando-o ao orixá Oxalá.

(...) a reafirmação de que o modelo religioso popular vai além de qualquer delimitação formal e busca de modo intenso e dinâmico firmar-se como modelo que atende aos interesses dos seus adeptos. O sincretismo, assim visto, é muito mais que uma mera adequação ou assimilação passiva dos modelos dominantes, é antes disso um exercício de interferência na realidade objetiva dos fenômenos sócio-religiosos, tão dinâmicos e complexos e combatidos como a própria vida dos seus seguidores. (JUNIOR, s.d., p. 05).

É inquestionável a monumentalidade do Conjunto do Carmo para Cachoeira, não apenas pelo seu aspecto físico, concreto, edificado, mas pela imaterialidade ali existente e que é celebrada, fervorosamente, não apenas pelos fiéis devotos, também por toda a comunidade e turistas que visitam a cidade. Estabelece-se, então, uma nova motivação para um melhor trato e usos do referido espaço, considerando esta relação específica do Carmo com toda a população.

“(...) Sempre foi essa parte religiosa mesmo. Só eventos como casamentos, essas coisas. Não me lembro de outras. Lembro mais da Semana Santa, aquela coisa da sexta-feira, a visita ao Senhor dos Passos. Também tem uma coisa que tinha lá e não tem mais que é a questão da água, que as pessoas iam buscar aquela água. Tem uma coisa técnica lá que faz não ter mais água. A água vem da Pousada (...)”. *Rita de Cássia Salgado Santana*.

Uma parte interessante da tradição oral e que merece ser considerada neste embate usual está neste elemento celebrativo. Perpetua-se uma tradição cultural a partir da memória que se recorda, como uma liturgia eucarística, onde as pessoas celebram um objeto, e se celebram é porque aprenderam; e mais uma vez toda este ciclo se recria, tendo o passo como referencial, o presente como meio de preservação e o futuro visando a continuidade de todo esse processo. Trata-se da “(...) transmissão de conhecimentos secretos, vontade de manter em boa forma uma memória mais criadora que repetitiva” (LE GOFF, 2003, p. 426)

A criação é um elemento de suma importância para o entendimento desta memória celebrativa, já que as relações que a conduzem não podem se estabelecer a partir de rituais vazios, puras repetições. Como aponta Le Goff, no recriar do itinerário histórico e utilização dos locais:

Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos mas, ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos (...); é uma conversão do olhar histórico. Conversão partilhada pelo grande público, obcecado pelo medo de uma perda de memória, de uma amnésia coletiva, que se exprime desajeitadamente na *moda retro*, explorada sem vergonha pelos mercadores de memória desde que a memória se tornou um dos desejos da sociedade de consumo que se vende bem. (LE GOFF, 2003, p. 466)

Cachoeira é, reconhecidamente, um pólo de recriação cultural. Além de todos os monumentos edificados, dispõe de uma gama diversa de manifestações culturais: a Festa D’Ajuda, a Festa do Rosário, a Festa da Boa Morte, os festejos juninos; os mais recentes, Festa Literária Internacional de Cachoeira (FLICA) e o Recôncavo Jazz. Devido a esse fator tem atraído a atenção de agências de viagens e turismo, que incluem-na em seus roteiros pela Bahia e pelo Recôncavo.

Diariamente, um número incontável de visitantes chegam à cidade para conhecer boa parte destas manifestações culturais, especialmente o Conjunto do Carmo, e celebrar toda esta memória.

“(...) começamos a fazer apresentações musicais e começamos a dar uma dinâmica em relação a isso. É tanto que durante a concepção do Programa Monumenta, na questão da reforma total do Conjunto do Carmo, eu já tinha um projeto que era justamente ter ali um receptivo turístico e de entretenimento, para acolher esta clientela de visitantes e alugar para dar sustentabilidade à própria instituição; e eu sempre batia na tecla e algumas pessoas não entendiam e agora estão começando a entender. Eu sempre dizia que mesmo sendo uma instituição religiosa, um espaço de veneração, um espaço de culto tem que pensar sempre como uma empresa, ou seja, tem que ter o retorno financeiro disso, para poder dar manutenção; e isso que eu tentei fazer criando nesses espaços, receptivos e pensando naquele espaço, um espaço expositivo, um espaço de festas, um espaço para que a comunidade pudesse utilizar, para as pessoas adentrarem não só para rezar, não só para visitar Senhor dos Passos; um espaço para que as pessoas tivessem um lazer, um entretenimento (...)”. *Edson Ivo de Santana*.

O Conjunto do Carmo acolhe estes visitantes e aos poucos vai se enquadrando neste novo projeto de atenção ao fluxo turístico que ocorre aos grandes centros

históricos, em busca desta mobilidade e dinâmica cultural, desta preservação da memória e desta tradição que faz de Cachoeira, do Carmo, aos pés do Senhor dos Passos, 'a magia do Recôncavo', como cita uma camisa vendida livremente na cidade.

Os turistas acabam refletindo em suas posturas a relação da própria população cachoeirana com o Carmo, através do olhar ocasional, do olhar devocional, e do olhar contemplativo, que valoriza a história, a cultura e a arte ali expressas. E a população, por sua vez, motivada por esta nova realidade, busca melhorar e ressignificar sua relação com Cachoeira e com o Carmo, para que possa ser espelho para os que chegam, e por lá se achegam. Conste que nesta nova dinâmica, a população vem sendo capacitada para a acolhida dos visitantes, num fluxo, também, de geração de renda para toda a comunidade. Trata-se de mais uma via de fomento de uma reidentificação cultural, *"(...) uma restauração e aproveitamento integrados, baseando-se no surgimento econômico, social e físico dos núcleos históricos, proporcionando a sua ocupação e, em conseqüência, a salvaguarda dos valores culturais"* (Projeção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil, 1980, p. 37).

Ainda assim, novos equipamentos para melhorar estas relações têm de ser projetadas no Conjunto do Carmo, mais uma vez frisando, respeitando a sua integridade física e sua essência. O entrevistado *Luíz Cláudio Dias do Nascimento* demonstra essa preocupação: *"(...) Sugiro, por exemplo, que em lugar da Pousada Convento do Carmo, o espaço fosse adaptado [ali sim] um espaço de arte e cultura (teatro, exposição de arte, centro de convenções, etc. (...))"*.

Se há uma concessão em relação ao convento, é preferível que se mantenha este espaço para uma nova aparelhagem cultural, visando a preservação e a sacralidade das Igrejas do Carmo, em respeito à memória dos carmelitas, fundadores e construtores daquele legado, a devoção dos fiéis, e, inclusive, para o esclarecimento da população em relação à definição das funções, dos espaços, dos usos, costumes, promovendo uma dinâmica e não uma usurpação de valores e essências.

O Museu de Arte Sacra do Recôncavo, já instituído, precisa ser efetivado, e se constituir como mais um aparato cultural, para dar a devida funcionalidade àquele

espaço (a ordem primeira) que não pode mais se configurar como um templo religioso, mesmo mantendo algumas características de sua condição original, pois foi totalmente dessacralizado, mas podendo preservar a memória de quem o construiu, do que ali se celebrou, dos objetos que ali se encontravam, das pessoas que pisaram naquele solo e dos cachoeiranos que, de certa forma, ainda mantêm uma relação de fé e cultura com o Conjunto do Carmo.

“(...) Representa um universo da arte sacra barroca colonial e com elementos do Rococó, e influência da arte indiana e arábica. Claro que a arte portuguesa está presente. A população manifesta este contato através do imaginário católico e afro (...)”. *Raymundo Alberto Ferreira de Cerqueira*.

Nesta apreciação pela arte e pela cultura, tanto em sua face de desenvolvimento livre ou estimulada, dá-se, concretamente a concepção do valor da antiguidade, do histórico, do artístico, do belo, do cultural, do tombado. Assim, há o despertar e a continuidade da relação das pessoas com o patrimônio, com o monumento Conjunto do Carmo, restaurado e preservado, dialogando com os traços característicos da cultura moderna, na certeza de que as futuras gerações possam dar continuidade, em sua vida, em seu cotidiano, ao que foi iniciado no século XVII e que sobreviveu até os dias de hoje. O entrevistado *David Rodrigues Cazaes*, coloca essa impressão: “(...) *O Conjunto do Carmo para mim é como olhar Cachoeira, ele remete todas as linguagens, tanto cultural, quanto religiosa, enfim, ele é muito grande nesse aspecto (...)*”.

O Conjunto do Carmo compreendido como uma forma de representação da memória e das identidades adquire, cada vez mais, sentido, com a gama de significados que envolvem as ações coletivas, características da dinâmica sociocultural:

“Se a sociedade atual traz as marcas das estruturas sociais que lhe antecederam e se estas marcas são potencialmente suportes de memória, então é também pela seleção, pela análise e pela interpretação destes suportes que serão construídos a memória e o esquecimento social (...)”.
(MESENTIER, s.d., p. 03)

A comunidade é reflexo de uma estrutura histórica, onde a falta de conhecimento é uma tradição tipicamente nacional, de um sistema educacional que prioriza interesses elitistas em detrimento ao regional e ao local. Não se pode cobrar interesse, consciência de pessoas que não são estimuladas, porém, como a vida é

um processo e a cultura é um ciclo, a superação desta realidade é possível e necessária, para que a identidade cultural do povo cachoeirano seja despertada e vivida e, em sua relação com o Conjunto do Carmo, que ele seja celebrado em suas tradições, essências e possibilidades; e que Cachoeira, por sua riqueza cultural, seja verdadeiramente a 'heróica' cidade do Recôncavo Baiano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Conjunto do Carmo é, inquestionavelmente, um dos mais importantes e imponentes monumentos da Cidade de Cachoeira, por sua grandiosidade, pelo seu acervo sacro, por sua história, beleza, arquitetura barroca e sua referência eclesiástica. Toda esta condição foi referendada pela ação de tombamento, o que proporcionou sua inclusão no Programa Monumenta, promovendo toda a recuperação do conjunto, e pela própria consagração popular.

A pesquisa de campo realizada com pessoas da população local foi decisiva para a compreensão do tema proposto neste estudo monográfico, ao ser analisado o perfil dos moradores daquela localidade e sua relação com o referido monumento.

O entendimento de conceitos como memória, patrimônio e monumento, a partir do que foi declarado nas entrevistas, foi relevante na construção de um banco de dados referentes aos olhares da população cachoeirana em relação ao conjunto do Carmo e como se estabelece a relação destas pessoas com o referido monumento, São informações que colaboraram no conhecimento e no aprimoramento das questões, envolvendo esta realidade aplicada aos demais monumentos da cidade, já que aspectos diversos como: a funcionalidade, a dessacralização e a utilização do Carmo como equipamento turístico, eclesiástico e cultural colaboram neste parecer técnico e museológico.

Ficou claro que aspectos como a dessacralização do lugar, a falta de conhecimento em relação aos conceitos chaves deste estudo, a utilização da Ordem Primeira enquanto equipamento cultural para fins diversos promove uma confusão em meio à comunidade, que já não dispõe de informações nem interesse em pesquisar, conhecer e frequentar a instituição, mas que tende a conviver com o local, haja vista que é um monumento edificado no perímetro urbano da cidade. A relação, como verificado através da pesquisa de campo, existe e é bastante heterogênea, envolvendo aspectos distintos – sentimentos, objetivações, devocionismos, contemplações, estilizações -, tendo como atores, involuntariamente, o Conjunto do Carmo e a população cachoeirana.

Ainda assim, o Carmo dispõe de estratégias para uma melhor relação com os cachoeiranos, a partir do esclarecimento da usualidade da instituição e da efetivação de novas possibilidades que poderão vir a promover um contato mais esclarecedor entre a população e os elementos que o compõem enquanto monumento; também, acolher melhor este fluxo turístico que a cada dia se torna algo latente em Cachoeira.

Os conceitos aqui explicitados e o diagnóstico realizado a partir da pesquisa de campo podem colaborar na produção de outros estudos e, até mesmo, projetos junto à instituição e outros equipamentos locais, no sentido de buscar despertar nesta população o sentimento de pertencimento e, assim, a promoção, valorização e preservação do acervo do Carmo e, de uma forma geral, da cultura material e imaterial existente no Conjunto do Carmo.

Tendo o entendimento de cultura, educação e identidade como um processo que nunca se esgota, o Museu de Arte Sacra do Recôncavo, mesmo ainda em construção, precisa ser efetivado e promover este despertar na comunidade local, explanando e agindo com a vivacidade característica de uma entidade recém criada, deixando escapar ‘todo o gás’ que se acumula no seu interior, refletindo na comunidade, tão devota, tão curiosa, tão sensível, tão dispersa e tão leiga, o esplendor do barroco que ‘toma’ a sua Ordem Terceira e que precisa tomar os cachoeiranos.

Quanto à população, por mais que se deleguem as culpas e se vitimem indivíduos, o se deixa levar por atrativos diversos, com olhares que não priorizam a cultura, em suas diversas manifestações, torna-se um vetor para a existência de uma relação extremamente conflituosa.

A cultura é um processo, a vida é um ciclo e são nestes contextos que as relações acontecem hoje: resgatando os fatos históricos transmitidos pela oralidade, concretizando um futuro de preservação para aquilo que a todos pertence e devem celebrar: na relação estabelecida da comunidade cachoeirana com o Conjunto do

Carmo, independente da essência ou elemento valorizado, o diálogo do criador com a criatura, da criatura com o criador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Cyntia. **Lugar de Memória... memórias de um lugar**: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, BA. *In.*: Passos – Revista de Turismo y Patrimônio Cultural. Vol 6. Nº 3, 2008.

AQUINO, Lucia Maria de Queiroz e SOUZA, Regina de Almeida. **Caminhos do Recôncavo: preposição de novos roteiros histórico-culturais para o Recôncavo baiano**. Salvador: UNIFACS, 2009.

BÍBLIA SAGRADA. 122ª Ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças dos Velhos. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 67).

BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRANDÃO, Antônio Jackson de Souza. **A imagem nas imagens**: leituras iconológicas. *In.*: Revista Lumen Et Virtus. Vol 1. Nº 02. Maio/2010. Disponível em: www.jackbran.com.br/lumen_et_virtus/2/PDF/ajackson.pdf

CABRAL, Magaly e RANGEL, Aparecida. **Processos Educativos: de ações esparsas à curadoria**. *In.*: **Cadernos de Diretrizes Museológicas 2**: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

CALDERÓN, Valentim. **A Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira**. Universitas, Salvador, n. 11, p. 149-172, set./dez. 1971 (separata).

CANHA, Elaine Cristina. A Ordem Terceira do Carmo e sua atuação em Pernambuco – século XVIII – XIX. *In.*: **Anais do II Encontro Internacional de História Colonial**. Mneme – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. N. 24, set/ out. 2008. ISSN 1518-3394. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais>.

CARTA DE VENEZA. **Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro dos Monumentos e dos Sítios**. ICOMOS/ UNESCO: 1964.

CARTILHA DO FUNDO DE PRESERVAÇÃO. **Programa Monumenta**. Disponível em: <http://www.monumenta.gov.br/site/>. Acesso em: 10 de Setembro de 2012.

CASTRIOTA, Leonardo Barci; ARAÚJO, Guilherme Maciel; CARDOZO, Kelly; e SOUSA, Vilmar Pereira de. PAC Cidades Históricas – oportunidade para a conservação integrada? *In.*: **Locus: Revista de História**. Vol 16. Nº 2. Juiz de Fora: 2010.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. (tradução de Luciano Vieira Machado). 3ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

DÉDA, Ézio. **Árvores de Folhas Caducas**. Aracajú: J. Andrade, 2001.

FILHA, Maria Berthilde Moura. Arquitetura e Arte no Brasil Colonial – uma miscigenação de formas e fazeres. *In: Anais do II Encontro Internacional de História Colonial*. Mneme – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. N. 24, set/ out. 2008. ISSN 1518-3394. Disponível em: www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Igrejas e Conventos da Bahia**. (Roteiros do Patrimônio; vol. 9, t. 3). Brasília, DF: IPHAN/ Programa Monumenta, 2010.

_____, Maria Helena O. **O Conjunto do Carmo de Cachoeira**. Brasília: IPHAN; Monumenta, 2007.

FILHO, Domingos Parra e SANTO, João Almeida. **Metodologia Científica**. 3ª Ed. São Paulo: Futura, 1998.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo**: trajetória de uma política federal de preservação no Brasil. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – IPHAN, 2005.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. Imaginária e imaginário no Brasil Colonial. *In: Anais do 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - Transversalidades nas Artes Visuais*. Salvador – Bahia: 2009. Disponível em: www.anpap.org.br/2009/pdf/chtca_aberto_ribeiro_freire.pdf

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre Cenografias: O Museu e a Exposição de Arte no Século XX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp, 2004.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Os Lugares da Memória. *In.: Silva, René Marc da Costa (Org.) Cultura Popular e Educação*. Salto Para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC. Brasília, 2008.

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL DA BAHIA. Volume III – Monumentos e Sítios do Recôncavo – 2ª parte. Cachoeira. Salvador: IPAC, 1975.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. 10ª Ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1996.

JUNIOR, Antônio Junior. **Os penitentes do Senhor dos Passos**: diversidade e identidade na religiosidade popular. S.d. Disponível em: www.dhi.uem.br/.../pdf/st1/Bittencourt%20Jr.,%20%20Antonio.pdf. Acesso em: 10 de Setembro de 2012.

KIEFER, Flávio. **Arquitetura de Museus**. Arqtexto 1, S.d. Disponível em: www.ufrgs.br/publicacoes/ARQtextos/...1/1kiefer.pdf

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é Patrimônio Histórico**. (Coleção Primeiros Passos – 51). São Paulo: Brasiliense, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp: 2003.

LOPES, José Rogério. Imagens e Devoções no Catolicismo Brasileiro. Fundamentos Metodológicos e Perspectivas de Investigações. *In: Revista de Estudos de Religião*. Nº 3. 2003. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_lopis.pdf

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MESSENTIER, Leonardo Marques de. **Patrimônio Urbano, Construção da Memória Social e da Cidadania**. Disponível em: <artigoscientifico.uol.com.br/uploads/artc_1151514709_69.pdf> Acesso em: 01 de Novembro de 2012.

NEVES, Roseane Araújo das. **Patrimônio e comunidade**: estudo de público na Igreja do antigo seminário de Belém-Cachoeira/BA. Trabalho de conclusão de curso - Monografia (Graduação em Museologia) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2012.

NORA, Pierre. **Les Lieux de mémoire** (dir.) Paris, Gallimard, 1997, 7 volumes.

OTT, Carlos. **Atividade Artística da Ordem 3ª do Carmo da Cidade do Salvador e de Cachoeira (1640 – 1900)**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1998.

PROJEÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL: uma trajetória. Ministério da Educação/ Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Fundação Nacional Pró-Memória. Brasília: 1980.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de Iconologia**: temas humanísticos na arte do renascimento. 2ª Ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. (Coleção Teoria da Arte, vol. 9).

PATRIMÔNIO HISTÓRICO: como e por que preservar/ coordenação de: Nilson Ghirardello e Beatriz Spisso; colaboradores: Gerson Geraldo Mendes Faria [et al.]. Bauru, SP: Canal 6, 2008.

PEREIRA, Paulo. As dobras da melancolia – o imaginário barroco português. *In.: Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997.

ROCHA, Rubens. **A Fascinante Cachoeira – Jóia do Recôncavo Baiano**. 1ª Edição. Salvador: Grasb – Gráfica Santa Bárbara Ltda., 2002.

SÁ, Selma Dias Almeida. **As cidades, os monumentos públicos e suas relações com o social**. III ENCULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/ UFBA – Salvador, 2007.

SANTO DO DIA. Edição 07. São Paulo: Casa Dois Edições: Julho de 2001.

SCHEINER, Tereza Cristina. O Museu como Processo. *In.: Cadernos de Diretrizes Museológicas 2*: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo

Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SMITH, Robert C. Aspectos da Arquitetura da Basílica da Conceição da Praia. *In: O bi-centenário de um monumento baiano*. v. 2. Salvador: Beneditina, 1971. (Coleção Conceição da Praia).

SUANO, Marlene. **O que é museu**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11ª Ed. São Paulo: Ed. Da UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008.

ANEXOS

ANEXO A: roteiro das entrevistas realizadas com as oito pessoas da comunidade cachoeirana.

1. Se a pessoa conhece o Conjunto do Carmo e a forma de contato com ele.
2. Se a pessoa participa ou já participou de atividades no Conjunto do Carmo.
3. Para a pessoa falar qual a importância dele enquanto monumento arquitetônico e cultural na cidade de Cachoeira.
4. O que ele representa como espaço de culto religioso?
5. O que ele representa para a História da Cidade de Cachoeira?
6. Se a pessoa gostaria que o Conjunto do Carmo fosse utilizado pelas pessoas, além do espaço de culto religioso e de eventos.
7. Sobre o que a pessoa acha que deve ser feito para melhorar a relação das pessoas com o Conjunto do Carmo.
8. Se observa mudanças de como o Conjunto era e o que acontecia nele que não acontece atualmente.

ANEXO B: Entrevista 01 - descrição do diálogo da entrevista com Antonio Raimundo Santana Santos, Monitor Patrimonial, 49 anos

Os números das respostas não estão relacionados diretamente aos números das perguntas. Os entrevistados forneciam as respostas de acordo com o roteiro geral das entrevistas e não a uma pergunta específica.

Resposta 1: A importância do que representava para Cachoeira, para a Bahia e para o Brasil naquele período. Aqui no Conjunto do Carmo se instalou os Carmelistas, os Freis da Ordem Carmelitana e aqui nesse Conjunto, além de funcionar como Convento, como a Igreja da Ordem Primeira que hoje se transformou em um Centro de Convenções e aqui na Ordem Terceira era a Igreja da elite local, ou seja, civis ditos como brancos e ricos que era composta a Irmandade por fidalgos portugueses e pelos senhores de engenho. Aqui no Conjunto funcionou também um curso de Latim, tanto que justificou aqui a presença de D. Pedro II quando ele esteve aqui em passagem pela região, visitou Cachoeira e antigamente para se falar um português de maneira correta, você tinha que aprender necessariamente o Latim. E aqui nesse Conjunto, onde foi um dos principais prédios daquela época, um dos únicos, além da Casa de Câmara e Cadeia, funcionou na luta da independência do Brasil e da Bahia como um hospital. Então aqui representa toda essa memória, não só da luta da independência, como a influência, não só a nível de arquitetura, dos portugueses aqui...

Resposta 2: Aqui ainda é um espaço que por muito tempo ficou sendo visto como um espaço de elite. Eu sentia aqui em Cachoeira que o pessoal tinha isso aqui como se fosse um espaço de só quem tivesse dinheiro ou dos ricos ou dos nobres, como antigamente era, mas hoje tudo isso mudou. Hoje foi transformado, no caso do Convento, em uma Pousada o que já é interessante a nível de movimento. Eu acho que seria interessante que aqui também, já que a Igreja deixou de ser Igreja (a Ordem primeira), que seja mais um espaço de acontecer atividades, palestras, seminários e aí todo esse espaço e é um espaço que tem que ter auto-sustentação que no caso esse espaço da Ordem Terceira, que também é um espaço de evento, ainda não tem que, na verdade, há de se transformar ainda a Ordem Social daqui para que aqui realmente funcione como uma Igreja Museu, um espaço de eventos e

também Galeria para movimentar social e culturalmente aqui. E que aqui tenha também um Memorial, que ainda não tem, da Ordem Terceira, dos Carmelitas, que também não tem. Daí, o pessoal daqui, junto com o pessoal da UFRB, de Museologia, de História... o Museu de Arte Sacra do Recôncavo nunca existiu. Ficou nessa intenção, inclusive o pessoal da Paróquia pegou pra isso, para que se transformasse no Museu de Arte Sacra que seria interessante, se realmente funcionasse, mas nunca funcionou como tal, daí se transformou num Centro de Convenções. Então, já que não funciona mais como a Ordem Primeira, que era a ordem dos religiosos, e eles abandonam aí entre 1950 e 1960 (eles vão embora). Então que funcione como um Centro de Convenções, onde você ocupa o espaço que para manter ele você precisa de renda e aí seria uma maneira de você conseguir a renda, porque você alugaria para várias atividades e o que se poderia colocar. Tem salas aí que poderia funcionar como Museu de Arte Sacra ou Memorial da Ordem Carmelitana, tanto da Ordem Primeira como da Ordem Terceira.

Resposta 3: Eu não convivi. Aqui não era um espaço muito visitado. O que eu me lembro da juventude era o espaço de visitação do Senhor dos Passos. Aqui ainda tem essa questão do Sincretismo Religioso, que aqui em Cachoeira as pessoas são muito devotas ao Senhor dos Passos e aqui para o Povo de Santo, Senhor dos Passos é também Oxalá. Então eu me lembro das visitas que eu fazia aqui dia de sexta-feira na parte de cima. Mas essa parte aqui em si, da Ordem Terceira, desse espaço de eventos como da Ordem Primeira era muito pouco conhecida e muito pouco visitado, além de hoje da própria Pousada, hoje mais conhecida como Pousada, porque na minha época não tinha se transformado ainda. Ficou Convento, funcionou como Pousada de maneira ainda muito precária...

Resposta 4: A Irmandade da Ordem Terceira era de brancos e ricos, que era a Irmandade de Leigos porque a Ordem Primeira é a Ordem dos Religiosos Freis Homens, a Ordem Segunda, das Freiras e a Ordem Terceira é a Ordem dos Civis ou dos Leigos, mas aqui no caso, da Ordem Terceira, era composta pelos fidalgos portugueses e dos senhores de engenho que representavam a elite local. Aqui dentro da Ordem Terceira, de início, os negros não tinham acesso, eles só chegavam até a porta, mas não podiam entrar. Geralmente os nobres ficavam na parte superior, nas Tribunas ou no Coro com as famílias. Geralmente os nobres, chamados barões, não costumavam descer nem para se misturar com os brancos

que ficavam aqui embaixo, que era também brancos que tinham posse, mas eles não se misturavam. Era questão de status.

Resposta 5: Representa toda uma grandiosidade, a importância de Cachoeira como uma das primeiras vilas, a segunda cidade da Bahia e do Brasil por praticamente dois séculos. Aqui em Cachoeira se instalou toda uma Aristocracia Rural da Bahia, representada pelos Senhores de Engenho, porque as terras de Cachoeira, da Bacia do Iguape, eram muito férteis para cana-de-açúcar, então aqui forneceu muitos engenhos e é por isso que Cachoeira hoje, uma igreja dessa, que é uma igreja da elite, que é a segunda igreja da Bahia em quantidade de Ouro, que é a Igreja da Ordem Terceira. Então ela tinha seus engenhos na Zona Rural e seus Sobrados e Casarões aqui. Isso aqui como arquitetura representa justamente isso, a grandiosidade de Cachoeira, a influência que recebeu de portugueses marcantes e importantes.

Tempo de entrevista: 10min43seg.

ANEXO C: Entrevista 02 - descrição do diálogo da entrevista com Rita de Cássia Salgado Santana, Secretária Executiva, 54 anos.

Resposta 1: O Conjunto do Carmo é o conjunto mais importante de Cachoeira, pelo tamanho, que ele é o maior, e pelo o que ele tem lá dentro, aquelas obras de arte, aquelas imagens que são únicas, não sei se no Brasil tem outras iguais a ela.

Resposta 2: E acho que podem ser feito eventos, como esse do Flica. Mas eu acho que a gente precisa trabalhar mais com a comunidade. Eu acho que tem muitos eventos bons em Cachoeira, mas eu não vejo muitos eventos voltados para a cidade de Cachoeira, são eventos que se pensam mais em pessoas de fora, que se pensa em pessoas que vão vir pra cá. Eu não vejo nenhum trabalho em cima da comunidade, para justamente a comunidade participar dessas coisas, para ela se sentir também participante. Não vejo isso só lá, mas também na UFRB, onde a Comunidade não se sente dona, o Pouso da Palavra e uma série de lugares. Então, está faltando eventos que sejam culturais, que sejam até religiosos, mas voltados para a comunidade.

Resposta 3: Não que eu me lembre não. Sempre foi essa parte religiosa mesmo. Só eventos como casamentos, essas coisas. Não me lembro de outras. Lembro mais da Semana Santa, aquela coisa da sexta-feira, a visita ao Senhor dos Passos. Também tem uma coisa que tinha lá e não tem mais que é a questão da água, que as pessoas iam buscar aquela água. Tem uma coisa técnica lá que faz não ter mais água. A água vem da Pousada.

Resposta 4: Ali foi uma série de coisas. Tem a questão do poder, a milícia ficou ali na época da Guerra, da Independência. Não conheço outro lugar que tenha tanta história como o Conjunto.

Resposta 5: Primeiro nós temos um ponto importante que deverá ser trabalhado. Hoje a maioria não é católica, começa por aí e as pessoas entendem ali como um espaço religioso. Você vê que a única ligação que nós temos, além dos católicos apostólicos romano é o pessoal do Candomblé que tem uma ligação com o Senhor dos Passos e eles tem o compromisso de ir lá, acho que é a primeira obrigação deles é fazer essa visita ao Senhor dos Passos. Além do mais, o pessoal de Cachoeira não conhece a história, acham que não só o Conjunto do Carmo, mas como a maioria das coisas, como se não fosse deles. Por isso que quando eu digo que Educação Patrimonial é importante é no sentido de mostrar que essas coisas

fazem parte das pessoas, são coisas que a comunidade é dona e que não existe uma instituição que é dona e como ela não se apropria disso, então algumas instituições assumem isso, se não a coisa se acaba. E tem algumas pessoas que são muito radicais: dizem que se não é a minha religião, eu nem coloco o meu pé ali. Ali se precisa trabalhar mais e muito mais a questão da Semana Santa, que é uma coisa fantástica de Cachoeira e que o poder público municipal e Estadual não caiu na real ainda que isso é um ponto importantíssimo, é uma coisa que nós temos lindo. Então falta, além disso tudo, é o interesse do poder público que é quem tem condições. Tem que estimular esta visitação e participação da comunidade, porque falta este trabalho nas escolas. O que a gente vê aqui é uma enganação de Educação Patrimonial. Não existe Educação Patrimonial na cidade, nem a nível estadual, nem municipal, nem federal. O Monumenta não faz isso, o IPAC não faz, a prefeitura faz uma coisa mínima.

ANEXO D: Entrevista 03 - descrição do diálogo da entrevista com David Rodrigues Casaes, Xilógravo, 43 anos.

Resposta 1: O bom, porque além de ser admirador, eu sou irmão da Ordem Terceira do Carmo e, por ser irmão, eu tenho uma leitura maior. Eu tenho uma leitura como uma pessoa que conhece a história, uma pessoa que convive diariamente levando grupos e a outra é a forma de você entender como a irmandade tem o seu sentido histórico, cultural e religioso. Olhando como o aspecto de irmão, eu vejo que a Ordem tem o seu próprio olhar, uma hierarquia que é composta por priô. Depois você tem uma mesa diretora e depois a composição de membros, isso no meu caso. Como irmão eu acho que ela caminha. Você tem que ter uma dinâmica mais na frente pelo olhar profissional, porque isso até os dias de hoje é difícil, porque o meu padrinho Dr. Ivo, que é priô, ele faz o que pode, mas se você ainda no futuro você dá continuidade eu creio que ela vai ter dificuldade maior, porque tem que pensar a Ordem como a Irmandade mais como uma forma administrativa, uma forma que venha mais trazer a divulgação e preencher seus requisitos para os fluxos turísticos. Então, o que falta nessas dificuldades são as parcerias como você vê empresários financiar grandes festas de pagode. Mas quando se fala em investir num calendário que venha atrair o turista religioso, católico, aí você tem uma dificuldade maior. Como Conjunto, isso para mim é o mais belo de Cachoeira, eu digo que é o lugar mais visitado, mais requisitado. O que falta também, na verdade, é um olhar maior do Poder Público, no sentido de assegurar o abrir e o fechar da igreja e a limpeza, pois manutenção é cara. E isso também é uma dificuldade para a Ordem Terceira do Carmo.

Resposta 2: Na verdade, essa interação com a comunidade, dessas igrejas todas é a que mais abre. Você tem o “S” do Sincretismo que é a vivência dos terreiros. Agora, o que eu acho dela que tem que ser precioso é buscar uma interferência maior que venha contemplar aqueles bens materiais e os bens imateriais. Ter uma pessoa, uma logística que venha montar um calendário. Porque eu não desassocio a Ordem Terceira com a Ordem que tem em Ouro Preto e que tem em Salvador. O que se precisa fazer é o primeiro roteiro das congregações carmelitas que venha se estender aqui. Daí você ai trazer um público carmelitano que é um dos maiores públicos do Brasil. Então você pode trazer os primeiros encontros dos carmelitanos em Cachoeira, que pode fazer a primeira visita das congregações, focando os

carmelitanos. Então eu acho que essa parceria é que também temos dificuldade. Precisa fazer uma exposição da Ordem de Cachoeira nas outras Ordens e montar uma exposição da Ordem de Salvador e da Ordem que se tem no Brasil, em Cachoeira. Aí você tem um fluxo maior de turistas e a divulgação tem uma relação muito maior.

Resposta 3: Você tem as missas às quintas-feiras que sempre tem isso, depende muito do calendário do freij, mas você tem todo dia 16 que é uma noite que nós fazemos a Nossa Senhora do Carmo e você tem a Semana Santa, que se tem um calendário bastante amplo com atividades. Mas essa festa tem um bom custo esse é o grande problema. E você pode montar para o dia 16, de todo mês, criar um calendário de almoço, de jantar, o dia da Nossa Senhora do Carmo, daí você vai atrair pessoas de Cachoeira e pessoas de fora. Você montar um coro, uma novena que venha contemplar os outros santos que fazem parte da Ordem Terceira do Carmo. Pode fazer aos finais de semana, abrir o claustro e fazer uma atividade de músicas gregorianas. O problema todo é na verdade o apoio. Mas a Ordem Terceira tem assim condição de fazer uma programação e trazer esse público que para mim é um dos públicos mais cultural e religioso do mundo, que é esse público que gosta de estar com as congregações. A gente pode perceber, que não é o caso da Ordem, que a gente convive com instituições que pertence a um grupo de pessoas. A Ordem pode criar esses calendários que, de certa forma, tem que levar a comunidade pra lá, porque eu acho que o principal parceiro na minha leitura de uma instituição, tanto religiosa ou cultural é a participação da comunidade. Como você coloca para participar? Você trazer meios que venha levar à comunidade exposições, um final de semana de contador de histórias, um debate. Daí você atrai esse grupo da comunidade pra dentro da instituição e a Ordem Terceira do Carmo está sempre aberta. Ela tem dificuldade financeira. A gente tem o funcionário, Dr. Ivo, que tira dinheiro do bolso para financiar. Ali você tem uma bomba, que é a água de Magnésia. Ali era o momento que as pessoas de Cachoeira iam pra ali encher seus vasos para tomar como purgante, você agora não tem mais essa água. A gente poderia marcar o dia da água de magnésia e vender o potinho. Ali é muito rico. Então a Ordem Terceira não se estende apenas na parte religiosa, você pode fazer uma ocupação num Centro de Convenção, atrair, fazer um encontro das escolas de município ali no Centro de Cultura e aproveitar o ensejo e conhecer também a Pousada do Carmo fazer dela um porte para a própria comunidade, um desafio entre

comunidade e hotel. Conjunto do Carmo para mim é como olhar Cachoeira, ele remete todas as linguagens, tanto cultural, quanto religiosa, enfim, ela é muito grande nesse aspecto.